


Fala, Irmão José!
A Queda
 Pág 03




Abrindo Janelas
Espiritualidade Livre
Dora Incontri
 Pág 03




Espaço Chico Xavier
Experiências Difíceis
 Pág 04




O que Disse Kardec?
O Espiritismo é uma Ciência Positiva
 Pág 05




Filosofia e Espiritismo
A Lenda de Tróia, a Verdade e o Centro Espírita
 Pág 05




Psicologia Espírita
por Joanna de Ângelis
A Angústia e o Ódio
 Pág 09




O Livro dos Espíritos
Sob a Ótica Filosófica de Miramez
Inteligência e Instinto
 Pág 09




Dicas de Leitura
Kardec para o Século 21
Dora Incontri
 Pág 13




Para Reflexão
Esclavidão Emocional
 Pág 13




Instruindo-se com Revista Espírita
O Caminho da Vida
 Pág 14




Você Sabe Quem foi?
Johann Heinrich Pestalozzi
 Pág 16




Desvendando o Evangelho
Segundo o Espiritismo
Mediunidade Gratuita
 Pág 17




Ciência e Espiritismo
Mensagem dos Cristais de Água
Cientificamente NÃO Comprovada
 Pág 20




Aprofundando o
Conhecimento das Leis Divinas
As Leis Morais Prevalecerão
 Pág 22




Obras Básicas em Foco
Livro dos Médiuns
O Maravilhoso e o Sobrenatural
 Pág 23



Ortodoxia e Heteroxia
Espíritas
 Pág 24




O Espírita e o Conceito de
Igualdade entre os Seres Humanos
 Pág 25



O Espiritismo Segundo
o Evangelho
 Pág 26



A Segunda Morte
 Pág 29



Despertar Espiritual
 Pág 30

Fora da Caixinha

O Que Acontece Por Aí

Programas Culturais: Centro Cultural São Paulo	Pág 32
Sustentabilidade: Esperança para enfrentar a crise climática que se agrava a cada dia	Pág32
Para a Criançada: Museu das Ilusões	Pág 33
Palavra em Verso e Prosa: Florbela Espanca " Fanatismo"	Pág 33
Cérebro sarado: Os efeitos do exercício físico na saúde cerebral	Pág 34

EDITORIAL

O GEEDEM completa 48 anos!

O Grupo de Estudos Espírita Dr. Eduardo Monteiro nasceu através de abnegadas tarefas, com a finalidade de servir como escola de formação espiritual e moral que deve ser e desempenhando papel relevante na divulgação do Espiritismo e no atendimento a todos os que nele buscam orientação e amparo.

Quarenta e oito anos de existência no trabalho do bem, confortando, assistindo e compartilhando, já representam um grande exemplo a ser seguido.

Escola de almas encarnadas e desencarnadas, aqui se desenvolve a caridade, esse perfume de Deus. É um hospital iluminado, onde somos os doentes e somos os nossos próprios médicos, pois a evolução dos Espíritos é intransferível. É conquista individual de cada um, pois a cada um segundo as suas obras. É oficina da caridade, ajudando a transformação de encarnados e desencarnados sob o prisma biopsicossocial espiritual. É lar coletivo, onde aprendemos com as nossas diferenças e diversidades, evitando o delírio da supremacia evolutiva, ou seja, nós não somos o centro do universo. Cabe a cada um de nós vivermos com humildade e exercendo a caridade.

Seja através do espaço físico ou do virtual, que alcança lugares longínquos do Brasil e do exterior, conseguimos acalantar corações sedentos por amparo e esclarecimento.

Cada vez mais, recebemos novos "integrantes" dessa grande família, onde nem sempre tudo são flores mas, nada acontece "por acaso" e se estamos juntos hoje, é por afinidades de bons propósitos, ou para recompor comprometermos em vidas pretéritas, e como nunca somos abandonados, possibilita-nos, o Pai Maior, mais uma chance para nosso avanço e progresso.

Se erramos, rogamus a oportunidade de trabalho, e se acertamos, pedimos a chance de mais trabalho, pois é nos erros e acertos que vamos lapidando a pedra bruta que somos, em busca do Grande Porto.

Roguemos a Jesus, o divino Rabi da Galiléia e aos Mentores Espirituais da nossa Casa querida, que nos inspirem a continuarmos nossa busca incessante pelo aprimoramento moral, compreendendo e vivenciando os ensinamentos do Espiritismo, pois essa é uma oportunidade valiosa para aperfeiçoarmos nossa jornada, buscando a harmonia interior e a conexão com algo maior que transcende a existência material.

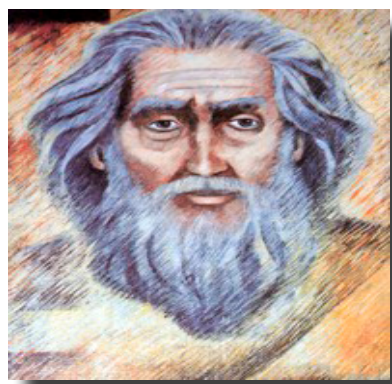
Agradecemos aos assistidos, alunos, associados e simpatizantes, aos Espíritos Amigos encarnados e desencarnados, e especialmente aos trabalhadores que não medem esforços dedicando-se em prol da nobre causa, mas também nosso agradecimento àqueles que testaram nossas resistências na busca do perdão, do diálogo, da caridade, pois cada um sabe do seu desejo íntimo na busca do aperfeiçoamento intelecto e moral.



Educar para o pensar espírita é educar o ser para dimensões conscienciais superiores. Esta educação para o Espírito implica em atualizar as próprias potencialidades, desenvolvendo e ampliando o seu horizonte intelectual-moral em contínua ligação com os Espíritos Superiores que conduzem os destinos humanos. (Sonia Theodoro Da Silva)

O IDEM tem como missão levar ao leitor artigos, textos e mensagens com base nos princípios espíritas, trazendo temas atuais para que possamos refletir se realmente estamos vivenciando os ensinamentos deixados por Jesus, nosso Mestre e Guia e Allan Kardec, codificador do Espiritismo.

Se você tem críticas, sugestões de melhorias ou assuntos que gostaria de ver em nosso informativo, entre em contato através do email: idem@geedem.org.br



Fala, Irmão José!

Irmão José, um dos mentores espirituais do GEEDEM, enseja-nos reflexões a respeito do cotidiano à luz do Evangelho, para que, com Jesus, saibamos enfrentar e vencer todos os problemas e desafios com os quais nos defrontamos.

A Queda

Não esperavas, mas caíste.

Caíste e sofres, porquanto te supunhas inatingível...

Agradece, contudo, a queda que te faz abrir os olhos para a realidade da vida.

Não desperdices energias, lamentando...

Agora, vê tudo por um prisma diferente.

Reformulaste antigos conceitos.

Entesouraste a compreensão, principalmente no que se refere às fraquezas alheias.

Adquiriste uma parcela maior de humildade.

Estás mais sensível às necessidades do próximo.

Reconheces, afinal, o valor do perdão.

Permitir a tua queda, foi o recurso que a Divina Providência encontrou a fim de disciplinar-te o coração em prazo mais curto, para que não viesse a te suceder coisa pior.

*Fonte: Livro Juntos Venceremos — Autores diversos — F. C. Xavier / Carlos A. Baccelli
Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais.*



Abrindo Janelas

Espaço dedicado a palestras de expositores, alguns pouco conhecidos nacionalmente no meio espírita, porém com explanações relevantes e pertinentes que vale a pena conhecer.

Palestrante: Dora Incontri

Tema: Espiritualidade Livre

Assista na íntegra:

<https://www.youtube.com/watch?v=20lg0JXji6s>



Espaço Chico Xavier

Chico Xavier, por meio de sua mediunidade excepcional, decodificou os ensinamentos espíritas transmitindo as idéias e interpretações dos Espíritos orientadores. Ele foi um exemplo de edificação moral, pelo conhecimento e vivência do Evangelho. Mostrou a todos nós como será a humanidade do futuro: portadora de conhecimento intelectual e moral.

Experiências Difíceis

A beleza física pode provocar tragédias imprevisíveis para a alma, se esta não possui discernimento.

Excessivo dinheiro é porta para a indigência, se o detentor da fortuna não consolidou o próprio equilíbrio.

Demasiado conforto é desvantagem, se a criatura não aprendeu a arte de desprender-se.

Muito destaque é introdução a queda espetacular, se o homem não amadureceu o raciocínio.

Considerável autoridade estraga a alegria de viver, se a mente ainda não cultiva o senso das proporções.

Grande carga de responsabilidade extermina a existência daquele que ainda não ultrapassou a compreensão comum.

Enorme cabedal de conhecimento, em meio de inúmeras pessoas ignorantes, vulgares ou insensatas, é fruto venenoso e amargo, se o espírito ainda não se resignou à solidão.

Fonte: Livro Agenda Cristã (Chico Xavier - André Luiz) Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais.



O Que Disse Kardec

O Espiritismo é Uma Ciência Positiva

Certo eu teria o direito de orgulhar-me com o acolhimento, que me é feito, nos diversos centros que visito, se não soubesse que esses testemunhos se dirigem muito menos ao homem do que à doutrina, da qual sou humilde representante, e devem ser considerados como uma profissão de fé, uma adesão aos nossos princípios. É assim que os encaro, no que pessoalmente me concerne.

Disse de começo que eu não era senão o representante da doutrina. Algumas explicações sobre o seu verdadeiro caráter naturalmente chamarão a vossa atenção para um ponto essencial que, até agora, não foi considerado suficientemente. Certo que, vendo o rápido progresso desta doutrina, haveria mais glória em dizer-me seu criador; meu amor-próprio aí encontraria seu crédito; mas não devo fazer minha parte maior do que ela é; longe de o lamentar, eu me felicito, porque, então, a doutrina não passaria de uma concepção individual, que poderia ser mais ou menos justa, mais ou menos engenhosa, mas que, por isso mesmo, perderia sua autoridade. Poderia ter partidários, talvez fazer escola, como muitas outras, mas certamente não teria, em poucos anos, adquirido o caráter de universalidade que a distingue.

Eis um fato capital, senhores, que deve ser proclamado bem alto. Não: o Espiritismo não é uma concepção individual, um produto da imaginação; não é uma teoria, um sistema inventado para a necessidade de uma causa. Tem sua fonte nos fatos da natureza mesma, em fatos positivos, que se produzem aos nossos olhos e a cada instante, mas cuja origem não se suspeitava. É, pois, resultado da observação, numa palavra, uma ciência: a ciência das relações entre os mundos visível e invisível; ciência ainda imperfeita, mas que diariamente se completa por novos estudos e que, tende certeza, tomará posição ao lado das ciências positivas. Digo positivas, porque toda ciência que repousa sobre fatos é uma ciência positiva, e não puramente especulativa.

Repito, demonstrando o Espiritismo, não por hipótese, mas por fatos, a existência do mundo invisível e o futuro que nos aguarda, muda completamente o curso das ideias; dá ao homem a força moral, a coragem e a resignação, porque não mais trabalha pelo presente, mas pelo futuro; sabe que se não gozar hoje, gozará amanhã.

Demonstrando a ação do elemento espiritual sobre o mundo material, alarga o domínio da ciência e, por isso mesmo, abre uma nova via ao progresso material. Então terá o homem uma base sólida para o estabelecimento da ordem moral na Terra; compreenderá melhor a solidariedade que existe entre os seres deste mundo, desde que esta se perpetua indefinidamente; a fraternidade deixa de ser palavra vã; ela mata o egoísmo, em vez de ser morta por ele e, muito naturalmente, imbuído destas ideias, o homem a elas conformará as suas leis e suas instituições sociais.

O Espiritismo conduz inevitavelmente a essa reforma. Assim, pela força das coisas, realizar-se-á a revolução moral que deve transformar a humanidade e mudar a face do mundo; e isto muito simplesmente pelo conhecimento de uma nova lei da natureza, que dá um outro curso às ideias, uma significação à esta vida, um objetivo às adjectivações do futuro, e faz encarar as coisas de outro ponto de vista.

Considerado desta maneira, o Espiritismo perde o carácter de misticismo, que lhe censuram os detratores ou, pelo menos, os que não o conhecem. Não é mais a ciência do maravilhoso e do sobrenatural ressuscitada, é o domínio da natureza. Enriquecido por uma lei nova e fecunda, uma prova a mais do poder e da sabedoria do Criador; são, enfim, os limites recuados do conhecimento humano.

Tal é, em resumo, senhores, o ponto de vista sob o qual se deve encarar o Espiritismo. Nesta circunstância, qual foi o meu papel? Não é nem o de inventor, nem o de criador. Vi, observei, estudei os fatos com cuidado e perseverança; coordenei-os e lhes deduzi as consequências: eis toda a parte que me cabe. Aquilo que fiz outro poderia ter feito em meu lugar. Em tudo isto fui apenas um instrumento dos pontos de vista da Providência, e dou graças a Deus e aos bons Espíritos por terem querido servir-se de mim. É uma tarefa que aceitei com alegria, e da qual me esforcei por me tornar digno, pedindo a Deus me desse as forças necessárias para a realizar segundo a sua santa vontade. A tarefa, entretanto, é pesada, mais pesada do que podem supô-la; e se tem para mim algum mérito, é que tenho a consciência de não haver recuado ante nenhum obstáculo e nenhum sacrifício; será a obra de minha vida (grifos nossos) até meu último dia, pois ante um objetivo tão importante, todos os interesses materiais e pessoais se apagam, como pontos diante do infinito.

Allan Kardec

Fonte: Extrato da Alocução de Allan Kardec, aos espíritas de Bruxelas e Antuérpia, em 1864. Revista Espírita, ano VII, v. 11, novembro 1864.

Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais.



Filosofia e Espiritismo

Kardec afirma, na introdução de O Livro dos Espíritos, que a força do Espiritismo não está nos fenômenos, como geralmente se pensa, mas na sua “filosofia”, o que vale dizer na sua mundividência, na sua concepção de realidade. Segundo Manuel Gonzales Soriano, o Espiritismo é “a síntese essencial dos conhecimentos humanos aplicada à investigação da verdade”. É o pensamento debruçado sobre si mesmo para reajustar-se à realidade. Trata-se, pois, não de fazer sessões, provocar fenômenos, procurar médiuns, mas de debruçar o pensamento sobre si mesmo, examinar a concepção espírita do mundo e reajustar a ela a conduta através da moral espírita.

A Lenda de Tróia, a Verdade e o Centro Espírita

Todos conhecem a história da famosa cidade situada às margens do Mediterrâneo. O poeta e historiador Homero que teria vivido por volta do século IX a.C., e a quem se atribui a elaboração da Ilíada e da Odisséia relata a tragédia dos troianos no primeiro poema e, no segundo, a saga de Odisseu ou Ulisses, em seu retorno a Ítaca após os combates junto aos exércitos de Agamenon e Menelau. Tróia, cuja cidade fortificada entre muros sólidos impedia o assédio de povos bárbaros, invejosos de seus tesouros intelectuais e sociais, de sua influência política, de sua riqueza material, mas, sobretudo, de sua localização estratégica, pois era rota de navegação para outros portos comerciais, jamais poderia ser invadida, assim acreditavam os seus habitantes.

Porém, ninguém poderia imaginar que a famosa cidade-fortaleza seria vencida pelas frágeis asas de Eros, que envolvendo o coração e o raciocínio de Páris, irmão de Heitor, líder dos exércitos troianos, trouxe, juntamente com a beleza e a graça de Helena, esposa de Menelau, os motivos superficiais para o cerco dos gregos e de seus aliados. Após 10 anos, Tróia capitula, não pela força exaurida de seus exércitos, não pela morte afrontosa de Heitor pelas mãos e pelo ódio de Aquiles, ou pela magnífica estratégia militar dos gregos.

Tróia foi vencida pelo orgulho de achar-se inexpugnável. Tróia foi vencida pela falsa crença de que jamais poderia ser conquistada, já que contava com a simpatia e a ajuda perene e constante dos deuses.

Já não mais poderia receber o aconselhamento de seus generais, que se destacavam pela enorme prudência em preservar os seus muros contra o assédio inimigo, pois estes jaziam mortos pela fúria avassaladora do conquistador. Tróia foi vencida pela invigilância. Tróia foi vencida pela ingenuidade de seus líderes, que acreditaram que o inimigo poderia presentear-lhes, após terem praticamente dizimado as suas forças, com um belo e imenso cavalo feito de madeira colhida às pressas de destroços de guerra (como um presente poderia ser proveniente de despojos oriundos do ódio, da morte, da violência?).



Tróia, na verdade, foi vencida pela astúcia.

Tróia e seus guerreiros, a Grécia com seus heróis inspiraram as civilizações que se seguiram, principalmente Roma, cujos Césares atribuíam-se a descendência de Enéas, soldado troiano, portador da espada de Heitor após a morte deste, e que salva um punhado de mulheres e crianças da cidade incendiada; Alexandre Magno inspirava-se em Aquiles, e Juliano, que a equivocada Igreja nascente do século IV d.C. legou à posteridade como Apóstata, atribuía-se a reencarnação de Alexandre, herdeiro do herói grego.

A tragédia marcou o inconsciente coletivo humano e ajudou a formar os arquétipos coletivos do guerreiro, do mártir, do herói. E até hoje servem como metáforas, modelos, embora deturpados pela pós-modernidade, pelos pseudo-heróis das guerras fratricidas que inundam a nossa humanidade de morte e de horror, estejam elas situadas em países distantes ou nas ruas das grandes cidades, no trânsito, nas mortes sem razão de ser.

Tróia realmente existiu? Ou trata-se apenas de uma lenda construída em bases mitológicas por um grego, amante de sua cultura e que, sensibilizado pela tragédia do inimigo, desejava perpetuá-la no poema, legando a sua imagem à posteridade? Na região mesma onde Homero a situa, atualmente província da Turquia, foram descobertos vestígios de oito cidades que ocuparam aqueles sítios escavados por arqueólogos, e sobrepostas umas sobre as outras, e cujos restos de materiais queimados em uma delas (Troia VII) comprovam-lhe a destruição pelas chamas de um grande incêndio. Se existiu ou não, verdade é que Tróia e o seu fatídico “presente” grego jazem em nosso inconsciente individual e coletivo, formando atos, atitudes e ações congêneres.

E a verdade? Conceitualmente, ela é o motivo pelo qual existimos, a força que nos impulsiona sempre para frente, apesar de tudo. A Verdade fez Sócrates buscar na intimidade intelectual de seus interlocutores os conceitos de justiça, de amor (*leia-se “Apologia a Sócrates”, de Platão*), e cujas argumentações o seu maior discípulo, Platão, em seus Diálogos, coloca nos lábios do grande mestre. Sócrates incomodou o poder ateniense vigente, pois remetia as pessoas ao conhecimento a partir delas próprias, de suas consciências. E foi condenado à morte pela mediocridade.

A Verdade tem feito vítimas ao longo do tempo. Jesus de Nazaré trouxe-a vestida de perdão, de amor ao próximo, de respeito e amor a Deus, sobretudo, de vida após a morte. E indicou os caminhos para chegar a ela, oferecendo-se em holocausto, jamais utilizando-se de subterfúgios para que ela sobrevivesse à hipocrisia de fariseus e violência de romanos. Simplesmente viveu-a em espírito, em atos, já que Ele, Espírito imortal e pleno, é o seu mais ilustre Portador.

Allan Kardec, discípulo de Jesus, reencarnado no século do Positivismo comteano¹, é convidado a elaborar a síntese do Conhecimento. E, sob o ditado e orientações dos mais eminentes e nobres Espíritos das dimensões superiores em moral, intelectualidade e amor à Humanidade, ante o desvelo do Espírito da Verdade, passa a escrever a mais nova aliança de Deus para com os homens perdidos em descaminhos intelectuais, sociais, políticos, religiosos, filosóficos.

E o Espiritismo, de forma simples, porém com conotações educativas, abole de vez o misticismo das religiões, o mito messiânico e idólatra que envolve Jesus de Nazaré, a arrogância da intelectualidade vazia, do mediunismo místico e ignorante das relações intra-mundos, da prepotência dos pretensos conhecedores daquilo mesmo que desconhecem: a Verdade.

A criação do Centro Espírita foi inspirada por Allan Kardec, subsidiada pelos Espíritos Superiores, e ainda é e será sempre o grande e insubstituível zelador do Espiritismo em seu formato de divulgação através de palestras educativas e consoladoras, pelo atendimento fraterno que dispensa às dores e angústias humanas, bem como através de seus cursos focados na Doutrina Espírita e suas corretas abordagens, que não ensinam, mas que despertam o Espírito humano para os seus grandes deveres para consigo mesmo e para com o seu semelhante, tal como a maiêutica socrática, em bases de Educação do e para o Espírito.

O bom Centro Espírita jamais será superado por quaisquer movimentos humanos que visem a sua substituição perante a sociedade e o grande público.

A intelectualidade a princípio deveria nele buscar a sua inspiração para preencher o vazio imenso que a Filosofia contemporânea e meramente acadêmica impingiu aos seus adeptos pelo mundo, pois raramente coloca-se como partícipe da nobre história do pensamento humano em seus esforços pela busca da Verdade em Espírito, tal como a Filosofia Espírita preconiza, revela e se situa.

A Ciência em seus desdobramentos deveria buscar no bom Centro Espírita, e no Espiritismo, a inspiração para as nobres ações e para as suas investigações com base nos arquivos inconscientes do Espírito.

As Religiões teriam no Espiritismo, conforme Kardec, o mais poderoso auxiliar para o desenvolvimento da espiritualidade humana.

Contudo, o que temos observado, é uma “invasão desorganizada” de Cavalos de Tróia entrando, à semelhança da tragédia de Homero, pelas portas adentro do Centro Espírita. Travestidos com suas roupagens aparentemente belas, contudo, trazendo consigo ora a inconsistência de seus argumentos, porque pseudo-verdadeiros, ora a natureza mórbida e destrutiva que os distinguem, portam, em sua bagagem, conceitos equivocados provenientes de grupos de autoajuda, do africanismo brasileiro, de evangelismos e de sua contra-partida, o materialismo, ausente do real Evangelho de Jesus, de opiniões do senso comum de que o Centro Espírita é “uma empresa”, de mensagens de pseudo-sabedoria em total e absoluta discordância com os nobres princípios que norteiam o Espiritismo como força de transformação, aquela que faz com que vejamos o mundo com outros olhos. Trazem ainda a ausência de entendimento fraterno – o verdadeiro, porque são superficiais e temporais.

Cada agrupamento desses manifesta a bagagem intelecto-moral de seus iniciadores e cultivadores, desprovidos, portanto, da organização estrutural de um movimento real, palpável e necessário como outros que mudaram a História do ser humano para o seu real benefício, porque traziam consigo a reestruturação, a construção em bases morais e filosóficas consistentes. O Espiritismo surge como um destes – porém, como não faz parte da temporalidade mas da eternidade e da imortalidade, ele deixa de ser um movimento para, numa segunda fase, adentrar as consciências humanas num processo regenerador e de despertar das virtudes latentes em cada ser, portador das Leis Morais, divinas, porque cósmicas, universais, leis estas que precisam vir à tona, num novo movimento, desta vez confraterno, para com outro ser, cósmico e imortal como ele mesmo.

O Espiritismo já fez uma análise desses grupos, ausentes de logicidade e legitimidade, que surgem, vez por outra, no planeta de provas, como ondas de um mar tempestuoso, a jogar com as vidas em sua superfície; outros, a princípio são precedidos de uma calma silenciosa, expectante e agradável, contudo, explodem como tsunamis que arrastam consigo esperanças, realizações, trabalhos...

Se, a semelhança de Príamo, acreditarmos que somente aos bons Espíritos cabe a prudência no zelo ao Centro Espírita, se acreditarmos, arrogantemente, nas “paredes inexpugnáveis” do Centro Espírita, se abirmos mão do estudo genuinamente espírita e metodicamente cultivado, se acreditarmos que é “caridoso” e “democrático” abrir as portas para que todos falem de tudo, sem método, sem bases de seguro desenvolvimento com base no Espiritismo, como filosofia do Espírito e ciência do Espírito que é, e apenas com base na democracia popularesca, ou aos modismos midiáticos, se aderirmos à ingenuidade orgulhosa troiana e nos influenciarmos pelos equívocos da bela aparência, sem, enfim, acreditarmos fundamente de que o Espiritismo ainda é e será sempre a renovada Mensagem de Jesus aos corações e ao raciocínio humanos, seremos como os descuidados habitantes de Tróia.

As portas de centenas, senão milhares de Centros Espíritas pelo Brasil afora já foram escancaradas à imprudência. Cavalos de Tróia lá estão instalados e promovendo o seu declínio e obstaculando-lhe o crescimento em bases legítimas. E tal como a infeliz cidade-fortaleza, fadados ao desaparecimento. Tal como as lendas que habitam o nosso inconsciente e que nos trazem, vez por outra, sentimentos de nostálgico vazio.

Seremos castigados pelo futuro? No passado, o Cristianismo de Jesus foi invadido por manadas incontáveis de Cavalos de Tróia, que lhe desestruturaram os princípios belos e verdadeiros. E porque verdadeiros, voltaram após 1532 anos, contados a partir do primeiro Concílio de Nicéia.

O castigo jaz, igualmente latente, na consciência humana: é o sentimento de derrota ante proposta tão sublime quanto é o Espiritismo para a renovação do Espírito. O “castigo” resume-se em voltar e voltar sobre os próprios pés, retardando a própria evolução, através das reencarnações sucessivas tantas vezes quantas necessárias forem para colocar-se novamente e novamente a mensagem de Jesus nos próprios e nos demais corações humanos carentes de fé raciocinada e de conhecimento da Verdade que os enganos e as perfídias ajudaram a deslustrar, e a corrigir o estrago intelecto-moral ocorrido nas mentes de centenas de milhares de “seguidores”, arcando-lhe as gravíssimas consequências, num correto e justo “a cada um segundo as suas obras.” É desta forma que a falência de princípios recomporá caminhos. Tal como ocorreu com a mensagem de Jesus, obstaculada, enegrecida e deturpada ao longo de toda a Idade Medieval, contudo renascida pelo responsável e inegável bom-senso de um único missionário, a serviço da causa do Bem sob os auspícios de centenas de Espíritos ante a coordenação firme e infinitamente misericordiosa de Jesus.

Sonia Theodoro da Silva

¹*Nota do editor: Corrente filosófica desenvolvida por Auguste Comte, o Positivismo defendia que apenas os conhecimentos científicos eram verdadeiros. Para a linha de pensamento, as crenças religiosas não eram válidas. O estilo tem duas linhas de pensamentos principais, sendo elas a orientação científica e a orientação psicológica.*

Bibliografia:

Codificação Espírita, Allan Kardec e os Espíritos do Bem representados por Jesus de Nazaré, o Espírito da Verdade (ênfase cap. XXI – Falsos cristos e falsos profetas, de O Evangelho Segundo o Espiritismo).

Instruções de Allan Kardec ao Movimento Espírita – Allan Kardec.

Curso Dinâmico de Espiritismo (J.Herculano Pires), cap. XX – Como combater o Espiritismo – (ao ilustre prof. Herculano tributo o meu mais profundo respeito pela defesa da Verdade espírita; é dele o conceito de cavalo de Tróia desenvolvido neste artigo);

O Centro Espírita, J.Herculano Pires.

Sol nas Almas (Espírito André Luiz)- Cap. 29 –Defesa da Verdade

Fonte: <https://filosofiaespírita.org>



Psicologia Espírita por Joanna de Ângelis

A proposta desta série psicológica encontra-se em plena consonância com os postulados básicos do Espiritismo - a crença em Deus, na imortalidade da alma, na comunicabilidade dos espíritos, na reencarnação e na pluralidade dos mundos habitados – e com o pensamento do próprio Codificador, Allan Kardec, que estabeleceu em A Gênese que: “Espiritismo e Ciência se completam reciprocamente; a Ciência, sem o Espiritismo, se acha na impossibilidade de explicar certos fenômenos só pelas leis da matéria; ao Espiritismo, sem a Ciência, faltariam apoio e comprovação.” Recordemos que Kardec colocou no subtítulo da Revista Espírita o termo *Jornal de Estudos Psicológicos*, dando a entender a importância de estudar-se a alma como um todo, e não em partes.

A Angústia e o Ódio

A angústia

A insegurança pessoal, decorrente de vários fatores psicológicos, gera instabilidade de comportamento, facultando altas cargas de ansiedade e de medo.

Sentindo-se incapaz de alcançar as metas a que se propõe, o indivíduo transita entre emoções em desconcerto, refugiando-se em fenômenos de angústia, como efeito da impossibilidade de controlar os acontecimentos da sua vida.

Enquanto transite nos primeiros níveis de consciência, a carência de lucidez dos objetivos essenciais da vida levá-lo-á a incertezas, porquanto, as suas, serão as buscas dos prazeres, das aspirações egoístas, das promoções da personalidade, sentindo-se fracassado quando não alcança esses patamares transitórios, equivocados, em relação à felicidade.

Aprisionando-se em errôneos conceitos sobre a plenificação do eu, que confunde com as ambições do ego, pensa que ter é de relevante importância, deixando de ser iluminado, portanto, superior aos condicionamentos e pressões perturbadoras.

A angústia, como efeito de frustração, é semelhante a densa carga tóxica que se aspira lentamente, envenenando-se de tristeza injustificável, que termina, às vezes, como fuga espetacular pelo mecanismo da morte anelada, ou simplesmente ocorrida por efeito do desejo de desaparecer, para acabar com o sofrimento.

Normalmente, nos casos de angústia cultivada, estão em jogo os mecanismos masoquistas que, facultando o prazer pela dor, intentam inverter a ordem dos fenômenos psicológicos, mantendo o estado perturbador que, no paciente, assume características de normalidade.

O recurso para a superação dos estados de angústia, quando não têm um fator psicótico, é a conquista da autoconfiança, delineamento de valores reais e esforço por adquiri-los ou recorrendo ao auxílio de um profissional competente.

As ocorrências de insucesso devem ser avaliadas como treinamento para outras experiências, recurso-desafio para o crescimento intelectual, aprendizagem de novos métodos de realizações humanas.

Exercícios de autocontrole, de reflexões otimistas, de ações enobrecedoras, funcionam como terapia libertadora da angústia, que deve ser banida dos sentimentos e do pensamento.

O ódio

Etapa terminal do desarranjo comportamental, o ódio é tóxico fulminante no oxigênio da saúde mental e física.

Desenvolve-se, na sua área, mediante a análise injusta do comportamento dos outros em relação a si, e nunca ao inverso. Fazendo-se vítima, porque passou a um conceito equivocado sobre a realidade, deixa-se consumir pelo complexo de inferioridade, procedente da infância castrada, e descarrega, inconscientemente, a sua falta de afetividade, a sua insegurança, o seu medo de perda, a sua frustração de desejo, em arremessos de ondas mentais de ódio, até o momento da agressividade física, da violência em qualquer forma de manifestação.

O ódio é estágio primevo da evolução, atavicamente mantido no psiquismo e no emocional da criatura, que necessita ser transformado em amor, mediante terapias saudáveis de bondade, de exercícios fraternais, de disciplinas da vontade.

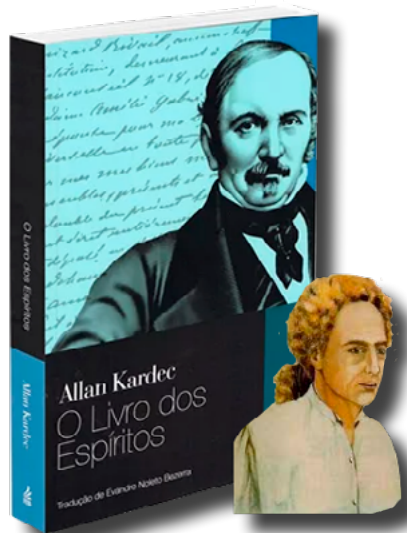
Agentes poluidores e responsáveis por distúrbios emocionais de grande porte, são eles os geradores de perturbações dos aparelhos respiratório, digestivo, circulatório. Responsáveis por cânceres físicos, são as matrizes das desordens mentais e sociais que abalam a vida e o mundo.

A saúde da criatura humana procede do ser eterno, vem das experiências em vidas anteriores, conforme ocorre com as enfermidades cármicas, no entanto, dependendo da consciência, do comportamento, da personalidade e da identificação do ser com o que lhe agrada e com aquilo a que se apegam na atualidade.”

Joanna de Ângelis

Fonte: Livro *O Ser Consciente* (Psicografia Divaldo P. Franco)

Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais



O Livro dos Espíritos Sob a Ótica Filosófica de Miramez

“O Livro dos Espíritos é um sinal das leis universais. Quem nele estuda, meditando em seus ensinamentos, e com a ajuda de outros livros que lhe dão sequência, passa a compreender que os sinais são frases e que as frases são forças indicativas para a libertação da alma.

A coleção Filosofia Espírita é um pequeno curso para despertar no estudante valores morais e espirituais. Ele pode abrir caminhos para que a caridade se solidifique nos corações dos leitores, ampliando o saber em seqüência admiráveis.” – Miramez.

» O Livro dos Espíritos
» Parte primeira
» Das causas primárias » Capítulo IV
» Do princípio vital
» Inteligência e instinto.

71. A inteligência é atributo do princípio vital?

“Não, pois que as plantas vivem e não pensam: só têm vida orgânica. A inteligência e a matéria são independentes, porquanto um corpo pode viver sem a inteligência. Mas a inteligência só por meio dos órgãos materiais pode manifestar-se. Necessário é que o espírito se una à matéria animalizada para que esta possa expressar inteligência.”

A inteligência é uma faculdade especial, peculiar a algumas classes de seres orgânicos, e que lhes dá, com o pensamento, a vontade de atuar, a consciência de sua existência e de sua individualidade, assim como os meios de estabelecerem relações com o mundo exterior e de proverem às suas necessidades.

Podem distinguir-se assim: 1º, os seres inanimados, constituídos só de matéria, sem vitalidade nem inteligência: são os corpos brutos; 2º, os seres animados que não pensam, formados de matéria e dotados de vitalidade, porém, destituídos de inteligência; 3º, os seres animados pensantes, formados de matéria, dotados de vitalidade e tendo a mais um princípio inteligente que lhes dá a faculdade de pensar.

Comentários de Miramez

Cap. 20 - A Inteligência é um Atributo

A inteligência é um atributo do Espírito. Ela existe na alma desde seus primórdios, obedecendo a uma escala descendente, para depois ascender nesta mesma ordem, desabrochando todas as suas qualidades inerentes aos poderes do Espírito. A faculdade de pensar e de raciocinar dos seres humanos foi o mesmo instinto do animal que desabrochou pela força dos evos e pelas bênçãos do Criador. Esse mesmo instinto esteve antes na vida da árvore, como presença divina estabelecida na harmonia vegetal. E, descendo mais, vamos encontrá-la na pedra, coordenadora da sintonia atômica, na mais perfeita agregação de elementos, ramificada na inteligência divina. Esse atributo do Espírito, no anjo, livre dos embaraços terrenos, passa a chamar-se intuição, faculdade esta conhecida pelos santos e sábios. É bom que meditemos sobre esta frase: "O homem começa a entrar na senda da felicidade, quando esquece o raciocínio", por alcançar outro estágio desse atributo divino, no coração que ama, no amor dos anjos.

O Espírito reencarna para despertar certas qualidades no centro da sua consciência. Preso na carne, as condições são mais favoráveis e, na mesma oportunidade, sensibiliza a matéria, que também tem sua ascensão marcada no progresso de todas as coisas criadas por Deus. Não devemos ignorar as leis estabelecidas pelo Soberano Arquiteto do Universo, nem julgá-Lo, quando não ocorre no nosso raciocínio o porquê das coisas. Ele nada fez nem faz errado. O Universo está em plena harmonia, desde a matéria primitiva, muito distante da ciência perceber, até os ninhos cósmicos, em viagens vertiginosas no espaço infinito da criação. O Espírito encarnado está muito longe de conhecer os dons que possui. Todos os aparelhos descobertos pelos homens, de grande utilidade na Terra, são pálidas imagens dos tesouros espirituais, que dormem dentro destes mesmos homens. É por isso que sempre falamos que o corpo é um universo em miniatura e o Espírito, um pequeno deus em ascensão, com todas as qualidades de perfeição em estado latente, como faculdades da alma.

A inteligência não é o Espírito, é um dos seus atributos em expansão, sujeito a variadas metamorfoses, porém sempre ascendendo. E é nesse ascender e crescer que a Doutrina dos Espíritos aparece nos nossos caminhos, nos propondo meios e facultando métodos mais racionais, no condicionamento da verdade, visando à nossa libertação. Certamente que a inteligência só pode manifestar-se por meio dos órgãos materiais, mas, para os que estão na matéria; é lógico, de Espírito para Espírito, que a inteligência é patrimônio espiritual, manifestada por recursos que a alma alcançou.

O Espírito encarnado somente pode demonstrar a sua inteligência pelos órgãos materiais, sensibilizados pela força vital, qual a eletricidade sensibiliza o aparelho de rádio e televisão, para se ouvir a transmissão e ver as imagens. A vida é, pois, muito linda! Podemos chegar ao êxtase quando aprendemos a senti-la, porque Deus está em nós, esperando que acordemos para vê-Lo, sensibilizando todos os nossos dons para ouví-Lo e entendê-Lo, como Amor e Luz que nos dá a vida.

72. Qual a fonte da inteligência?

“Já o dissemos: a inteligência universal.”

a) – Poder-se-ia dizer que cada ser tira uma porção de inteligência da fonte universal e a assimila, como tira e assimila o princípio da vida material?

“Isto não passa de simples comparação, porém inexata, porque a inteligência é uma faculdade própria de cada ser e constitui a sua individualidade moral. Ademais, como sabeis, há coisas que ao homem não é dado penetrar e esta, por enquanto, é desse número.”

Comentários de Miramez

Cap. 21 - A Inteligência do Homem

Quando falamos da inteligência do homem, estamos nos referindo, certamente, ao ser pensante. A nossa inteligência, de certa forma, está ligada à Inteligência Suprema, na qualidade de sua filha do coração, sem contudo ser uma fração dessa, mas, criação da grande potência universal. Ainda escapam para nós outros os processos naturais da formação da mônada espiritual. Os detalhes pertencem à excogitação do tempo, pelos canais do espaço. A verdade é disseminada para todos e para cada um, na própria dimensão em que vive. Não há violência para nenhum reino de vida.

O Criador dispõe de Sua sabedoria soberana, de forma a nos conduzir para os nossos irmãos menores, no sentido de que eles possam aprender conosco e, ao mesmo tempo, nos leva para os instrutores maiores, de modo a aprendermos com eles. As experiências são cambiáveis por lei de compensação e por lei de amor, e nessa escola divina nasce a fraternidade entre as criaturas. A fonte da nossa inteligência é Deus, mas não como sendo uma parte da inteligência divina, mostrando assim que não há enfraquecimento do Supremo Comando ao nos criar. A criação é uma ciência, ou, se podemos dizer, uma receita que não foi ensinada aos co-criadores. A inteligência da alma é mais ou menos livre, na extensão dos seus inumeráveis caminhos, para usar, dentro do seu âmbito de liberdade, a sua própria liberdade de pensar e de agir no mecanismo da vida. A nossa mente, de encarnados e desencarnados, absorve coisas no ambiente em que vive. Ela pode assimilar, registrando ideias alheias; ela está sujeita ao condicionamento do que vê e ouve. No entanto, tudo isso tem um limite que as leis de Deus não esquecem, e agem pelos engenhosos processos da consciência de, com o tempo, selecionar o que ouve e o que vê: é a presença de Deus em nós, pelos meios que muitos desconhecem, mas que constitui uma verdade. O futuro irá nos mostrar coisas incríveis e inimagináveis em relação aos nossos dons.

Sempre falamos na evolução dos Espíritos; empregamos alhures esse termo; no entanto, na verdade existe um despertar de nossas qualidades, por já sermos perfeitos dentro da perfeição do Absoluto. Estamos acordando e vamos continuar a acordar gradativamente. Em comparação com os anjos somos mortos, ou, se quisermos dizer, estamos dormindo.

A inteligência, onde gera a razão nos proporciona a individualidade. Podemos pensar e fazer o que nos convém, sendo que a lei nos faz responder pelos nossos atos. O plantio está na nossa liberdade, porém a colheita é obrigatória, para nos ensinar a sermos bons semeadores. Não absorves a inteligência, da maneira que absorves o oxigênio na atmosfera em que vives, e nós, o hálito divino na condição de desencarnados. Não. Quando surgimos das mãos santificantes de Deus, trazemos dentro de nós, como herança divina, todas as qualidades da perfeição, que acordam de passo a passo, que desabrocham de primavera a primavera, sob o comando do próprio Criador, por intermédio, no nosso caso na Terra, de Jesus Cristo.

73. O instinto independe da inteligência?

“Precisamente, não, porque o instinto é uma espécie de inteligência. É uma inteligência sem raciocínio. Por ele é que todos os seres proveem às suas necessidades.”

Comentários de Miramez

Cap. 22 - O Instinto em Marcha

Já falamos algumas vezes que o instinto é uma inteligência rudimentar sem a conquista do raciocínio, é um atributo do Espírito em marcha para a perfeição. No animal ele é, pois, o primeiro clarão da alma, esforçando-se para chegar às condições do humano. A mão divina atende a toda a criação, de acordo com a sua elevação espiritual. O animal, na sua condição instintiva, nos mostra com clareza, o quanto já viajou, desde os primeiros movimentos da mônada, procurando se expressar em um corpo.

Como é infinita a ascensão, ele não pára de buscar e nesta busca encontra as inúmeras possibilidades do despertar das suas qualidades, onde Deus deu o toque de vida.

Difícilmente poderemos constatar onde termina o instinto e começa a razão. Esses dois valores se confundem e se aprimoram no decorrer da vida, em busca de Deus. A transmutação é vagarosa, entretanto, nunca se estaciona. Ela avança em todas as direções, procurando sempre o melhor, por ser o seu objetivo a perfeição. O animal, além de encontrar programado nos rudimentos da sua consciência o que deve fazer, recebe, paralelamente, essa bênção, coadjuvante para as suas necessidades, que é o instinto, dando ordens e formando atitudes, sem que entrem nesse movimento os pensamentos, por não haver capacidade de formação das ideias. Se o animal não pensa, escapam das cogitações todas as probabilidades de raciocinar.

A razão se desperta no homem, numa gradação quase imperceptível. O homem primitivo é quase igual ao animal, mas, com possibilidades de, a qualquer momento, começar a surgir em si ideias, de maneira a melhorar as suas próprias condições de vida. Partiu desse primeiro passo o que aconteceu à humanidade: chegar ao ponto a que chegou, da razão altamente desenvolvida, de maneira que em muitos já começam a surgir os rudimentos da intuição, resultado do raciocínio aperfeiçoado. Daí, partem outras qualidades que até então fazem parte do desconhecido. Aquele a quem se chama de santo, gênio ou místico já se entrega à intuição divina, e é por isso que ele acerta mais que o homem comum. A razão é limitada para determinadas coisas.. Ele não alcança o que podem alcançar os valores do Espírito, na elevação que liberta de todos os interesses materiais, vivendo em completo equilíbrio entre as leis que governam matéria e Espírito. É de se notar que Deus está presente em toda a parte. Ele criou leis, de maneira que elas possam vigiar onde vibram, em um esquema computável sem cito, na mais perfeita harmonia de vida.

Todos os reinos demonstram harmonia nas ações que correspondem às suas necessidades e às qualidades do Espírito, que são inúmeras; despertadas, são as mesmas que existem nos outros reinos, só que estão em forma de rudimentos, esperando o tempo e a vontade do Criador para crescer e prosperar.

O modo que podemos entender até agora é este: todos somos filhos de Deus com as mesmas possibilidades e os mesmos preitos, por herança divina, porém, para os homens, se movendo em plena razão, a vida mostra que devem se esforçar para conquistar, por serem filhos adultos que já sabem o que fazer. Não nos esqueçamos de Jesus porque, para nós, Ele é o Caminho, a Verdade e a Vida. Passando por Ele, encontraremos com mais segurança, Deus. E com Jesus, o instinto se transforma com mais fulgor, em dons mais aprimorados.

74. Pode estabelecer-se uma linha de separação entre o instinto e a inteligência, isto é, precisar onde um acaba e começa a outra?

“Não, porque muitas vezes se confundem. Mas muito bem se podem distinguir os atos que decorrem do instinto dos que são da inteligência.”

Comentários de Miramez **Cap. 23 - Inteligência e Instinto**

Não se pode determinar onde termina o instinto e começa a inteligência, contudo, um e outra têm funções diferentes, no âmbito da vida, e dá para perceber no homem evoluído, a imposição de um e a ascendência da outra. O instinto é a mesma inteligência em estado primitivo e a inteligência é o instinto aprimorado, porém, a divisão de um para com o outro é bastante sutil para que se possa constatar com os nossos sentidos.

O instinto é uma espécie de condicionamento divino, na divina estrutura do Espírito; é pois, uma espécie de programação da Divindade, na formação da alma. Podemos analisar os animais: a cada espécie é determinado desenvolver um tipo de vida, e todas as gerações fazem o mesmo, por lhes faltar a razão, sendo ela o fator Primordial no aprimoramento de métodos de todas as criaturas humanas, é bom se notar que o homem de ontem não teria as mesmas condições de vida dos homens de hoje. Tudo melhorou, de modo que o bem-estar cresceu, por ser fruto da inteligência. E, como já dissemos, também a inteligência irá ceder lugar à intuição, que tem aparências de instinto, mas vibra em faixa muito diferente: o primeiro é terreno e a segunda é divina. Em tudo no mundo há ordem para crescer e iluminar.

O instinto, no Espírito encarnado, não atrofia da maneira que muitos pensam, para que a inteligência o domine com toda a exuberância. Ele não desaparece. Notamos sua ação orientadora no mundo inteiro, como sendo uma mente instintiva, a orientar todos os órgãos, senão todo o mundo celular e, como inteligência, notamos sua ação benfeitora no campo externo, desenvolvendo as condições exteriores para a sua própria felicidade. Quando os sentimentos se iluminam, ajudam o raciocínio a beneficiar a coletividade, pela força do amor. A inteligência é prova evidente da maturidade da alma, e é neste momento que Deus acha conveniente que o Espírito fique mais livre e caminhe com os próprios pés, que entre na fase de conquistar a sua paz e, notadamente, responder pelo que faz com as suas faculdades. O instinto é cego no tocante a escolhas por si mesmo; é uma programação, se assim podemos dizer. Já a inteligência tem a capacidade de selecionar e saber o melhor. Ela faz parte mais diretamente da consciência e tira dela informações sobre as leis naturais da vida e das vidas sucessivas.

Tudo isso é motivo de muitas pesquisas ainda, para que a luz se faça. Não podemos deixar de escutar assuntos como esses, tão fascinantes, nos levando a crer que grande parte da nossa felicidade se encontra ao nosso alcance, depois, da dependência de Deus.

A Doutrina dos Espíritos veio abrir um campo grandioso de estudos sobre a vida espiritual, e a mediunidade em todas as dimensões de vida nos pode fornecer muitas informações valiosas acerca da vida, da alma e de todos os seus sensíveis corpos, para que possamos nos expressar e avançar para o Senhor.

O instinto impõe o caminho que a alma deve percorrer, a inteligência analisa, observa, e convida o Espírito para experimentar com parcimônia, e a intuição tem plena consciência dos caminhos a percorrer.

Que Deus nos abençoe, para que possamos entender melhor a vida que vivemos.

75. É acertado dizer-se que as faculdades instintivas diminuem à medida que crescem as intelectuais?

“Não; o instinto existe sempre, mas o homem o despreza. O instinto também pode conduzir ao bem. Ele quase sempre nos guia e algumas vezes com mais segurança do que a razão. Nunca se transvia.”

a) – Por que nem sempre é guia infalível a razão?

“Seria infalível, se não fosse falseada pela má educação, pelo orgulho e pelo egoísmo. O instinto não raciocina; a razão permite a escolha e dá ao homem o livre-arbítrio.”

O instinto é uma inteligência rudimentar, que difere da inteligência propriamente dita, em que suas manifestações são quase sempre espontâneas, ao passo que as da inteligência resultam de uma combinação e de um ato deliberado.

O instinto varia em suas manifestações, conforme às espécies e às suas necessidades. Nos seres que têm a consciência e a percepção das coisas exteriores, ele se alia à inteligência, isto é, à vontade e à liberdade.

Comentários de Miramez

Cap. 24 - Nascendo a razão o instinto se atrofia?

O alicerce de uma obra aparentemente desaparece quando o prédio está pronto; no entanto, passa a existir com muito mais segurança do que antes, pela sua solidez no seio da terra. O instinto não atrofia ao surgir a razão. Ele perde o comando mais visível, como existe no animal, entretanto, ajuda a inteligência nas suas difíceis soluções, no silêncio da própria vida, inerente ao seu estado.

O nada se perde atinge igualmente os dons da alma. Os talentos se inter cruzam em uma fraternidade perfeita, uns ajudando os outros, e todos formando um conjunto, de sorte a trazer ao mundo da consciência a harmonia divina. Compete a cada Espírito compreender a ordem e trabalhar para que ela se estabeleça, com todas as suas diretrizes de amor no centro da consciência e esta redistribuir as bênçãos de felicidade a todo o mundo interno.

O instinto é a base da conscientização de todo o saber; é como que um livro invisível, porém real, onde estão escritas todas as leis reguladas pelo tempo. A razão é esse mesmo instinto na feição de maturidade; é o alicerce da inteligência, que se apóia neste princípio divino, ordenado e estabelecido por Deus, como sol da vida.

Podemos comparar o instinto aos pés dos homens e a inteligência ao exército da razão. Apesar dos meios de transportes sofisticados da época, eles sempre precisam dos pés para tudo o que fazem. Mesmo que se lembrem pouco deles, eles são a base da locomoção dos encarnados. A Doutrina dos Espíritos, no seu conjunto doutrinário, nos oferece muitos meios e métodos agradáveis, para exercitarmos todos os nossos dons, de maneira a que eles possam crescer ampliando seus valores. Uma escada, mesmo usada por muitas criaturas, deve conservar os primeiros degraus, sem os quais não poderá ser usada, além de que são eles que garantem a segurança dos outros. O instinto, o raciocínio e a intuição constituem uma escada evolutiva, são estágios variados do mesmo dom da vida que, juntos, garantem a estabilidade e nos proporcionam meios mais sólidos para vivermos em paz. Nada se acaba na vida; tudo se funde e refunde em busca da perfeição.

O homem não pode desprezar o instinto porque possui a inteligência, nem o super-homem pode abandonar a inteligência, por ter conquistado a intuição. Todos os valores são úteis na engrenagem evolutiva de todos os seres. Entrementes, deve-se saber usá-los na hora certa, como no momento exato servir-se do raciocínio. O conhecimento é a base do equilíbrio e a compreensão, o estímulo de todas as forças do bem que, somadas, esplendem-se no amor. O instinto nunca se transvia, por ser programação da Divindade, no centro das vidas menores, e a razão obedece ao livre arbítrio da criatura, que necessita de experiências para que sua disciplina se alie ao bom senso.

De fato, o instinto é uma inteligência rudimentar mas, que guarda no seu seio celeiros imortais que, desenvolvidos, ultrapassam as belezas da própria inteligência e mesmo da intuição, pelo fato de que o despertamento da alma é infinito, na extensão grandiosa do crescimento sem limites, do Espírito.

Fonte: O Livro dos Espíritos e Filosofia Espírita Vol II

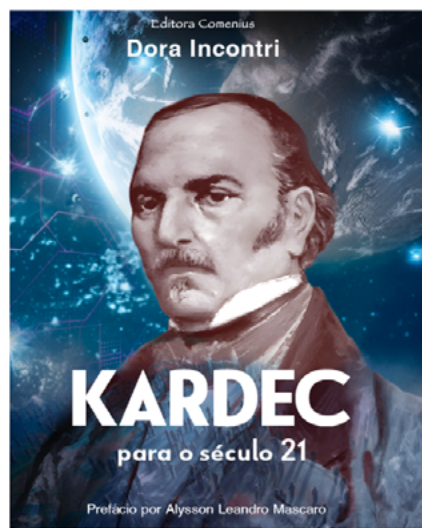
Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais



Dicas de Leitura

O Espiritismo está fundamentado na razão (no raciocínio), na lógica, no equilíbrio e no bom senso, sobretudo na razão, de tal modo que a leitura e, de preferência, a leitura constante, intensa, constitui grande contributo ao seu entendimento, à sua boa compreensão.

Kardec para o século XXI



Como entender Kardec hoje? Que espiritismo queremos? De que espiritismo precisamos? Qual a atualidade e qual a datação histórica das obras de Kardec? Como podemos dialogar com as ideias e com as angústias contemporâneas? Qual a proposta espírita para esse mundo em profunda crise?

Dora Incontri se propõe nesse livro a fazer um encontro entre as ideias de Kardec do século 19 com correntes do pensamento contemporâneo. Um diálogo crítico, para reler Kardec em nossos tempos e trazer ao mesmo tempo o contexto em que as ideias espíritas nasceram na França daquela época.

Encomende seu exemplar em nossa livraria: https://bit.ly/whatsapp_geedem



Para Reflexão...

Escravidão Emocional

Escravidão, escravatura ou escravismo é a prática pela qual uma pessoa assume direitos de propriedade ou domínio sobre outro ser humano, através da violência física ou moral.

Na antiguidade, ocorria quando na guerra o povo vencedor subjugava o vencido e impunha-lhe a servidão. Aos poucos, tornou-se uma mão-de-obra indispensável à economia, sendo os escravos obrigados à realização de diversas atividades lucrativas. Também ocorria, eventualmente, como forma de ressarcimento de dívidas, quando o credor submetia o devedor ou familiares.

Os judeus foram cativos no Egito e na Babilônia, mas em relação aos romanos eram livres para permanecer em suas terras e obrigados ao cumprimento das ordens de Roma e ao pagamento de impostos.

No Brasil, a prática começou logo depois da descoberta, com a dominação dos portugueses sobre os povos indígenas e depois sobre os africanos. A escravidão em nossas terras é um triste episódio, porque o Brasil foi o país que mais traficou escravos - passando dos 5 milhões - e o último a libertá-los.

Abominável por qualquer aspecto, e não obstante a proibição legal no planeta todo, a prática continua presente nas escravas sexuais e no trabalho em condições assemelhadas à escravidão.

Há no ser humano o desejo oculto, disfarçado ou explícito de dominação do semelhante, para o atendimento de suas necessidades e vontades, oriundo do orgulho e da ambição exacerbados que ainda cultivamos.

Por isso, também podemos dizer que somos escravocratas emocionais ou psicológicos do próximo, quando, nos relacionamentos de qualquer natureza, achamos ter o direito de subjugar a individualidade para que aja segundo o que consideramos o melhor e o mais correto. No dia a dia, vemos essa escravidão no marido ciumento, nos pais que castram seus filhos, no chefe que assedia moralmente...

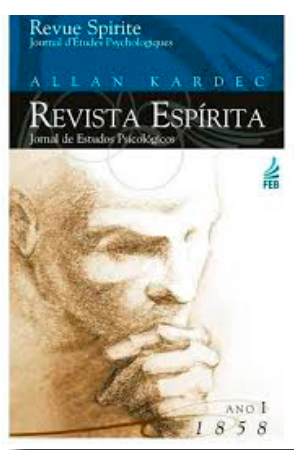
Por trás desse anseio de dominação está uma alma infeliz e ignorante, incapaz de compreender que a violência apenas gera ódio e que a criatura oprimida aguarda a oportunidade de romper as correntes que a prendem.

Na verdade, quem escraviza é escravo de si mesmo e um dia se perceberá abandonado e chorando, amargando as dores de uma conduta antifraterna, porque todos somos filhos de Deus e devemos nos amar e respeitar mutuamente.

Donizete Pinheiro

Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais





Instruindo-se com Revista Espírita

Textos extraídos da Revista Espírita, para um conhecimento mais aprofundado do trabalho de Kardec e das comunicações espirituais ou, como ele mesmo o disse, servir de complemento da Codificação.

O Caminho Da Vida

A questão da pluralidade das existências, desde longa data preocupou os filósofos, e muitos deles viram na anterioridade da alma a única solução possível dos mais importantes problemas de psicologia. Sem este princípio, viram-se detidos a cada passo e barrados por uma dificuldade de que não podiam sair senão com o auxílio da hipótese da pluralidade das existências.

A maior objeção que se pode fazer a esta teoria é a da ausência de lembrança das existências anteriores. Com efeito, uma sucessão de existências, inconscientes umas das outras; deixar um corpo para em breve retomar outro, sem a memória do passado, equivaleria ao nada, porque seria o nada do pensamento; seriam outros tantos novos pontos de partida, sem ligação com os precedentes; seria uma ruptura incessante de todas as afeições que fazem o encanto da vida presente e a mais doce esperança, a mais consoladora para o futuro; seria enfim, a negação de toda a responsabilidade moral. Uma tal doutrina seria tão inadmissível e tão incompatível com a justiça e a bondade de Deus, quanto a de uma única existência com a perspectiva de uma eternidade absoluta de penas para algumas faltas temporárias. Compreende-se, pois, que aqueles que fazem semelhante ideia da reencarnação a repilam. Mas não é assim que o Espiritismo no-la apresenta.

A existência espiritual da alma, diz-nos ele, é a sua existência normal, com lembrança retrospectiva indefinida; as existências corpóreas não passam de intervalos, de curtas estações na existência espiritual; e a soma de todas essas estações não passa de uma parte mínima da existência normal, exatamente como se, numa viagem de vários anos, a gente parasse, de vez em quando, por algumas horas. Se, durante as existências corpóreas, parece haver uma solução de continuidade, pela ausência da lembrança, a ligação se estabelece durante a vida espiritual, que não sofre interrupção; a solução de continuidade realmente só existe para a vida corpórea exterior e de relação; e aqui, a ausência da lembrança prova a sabedoria da Providência, não querendo que o homem fosse muito desviado da vida real em que tem deveres a cumprir; mas, no estado de repouso do corpo, no sono, a alma retoma em parte o seu voo e então se restabelece a cadeia, interrompida apenas durante a vigília.

A isto se pode ainda fazer uma objeção e perguntar que proveito pode tirar de suas existências anteriores para seu melhoramento, se não se lembra das faltas que cometeu. O Espiritismo responde, inicialmente, que a lembrança das existências infelizes, juntando-se às misérias da vida presente, tornariam esta ainda mais penosa; é, pois, um acréscimo de sofrimentos, que Deus nos quis evitar; sem isto, qual não seria, por vezes, a nossa humilhação, ao pensarmos naquilo que fomos! Quanto ao nosso melhoramento, essa lembrança seria inútil. Durante cada existência damos alguns passos à frente: adquirimos algumas qualidades e despojamo-nos de algumas imperfeições; cada uma delas é, assim, um novo ponto de partida, no qual somos aquilo que nos fizemos, onde nos tomamos pelo que somos, sem termos que nos inquietar com aquilo que fomos.

Se numa existência anterior fomos antropófagos, que é que isto importa, se não mais o somos? Se tivemos um defeito qualquer, do qual já não restam traços, é uma conta liquidada, com a qual não temos mais de nos preocupar. Suponhamos, ao contrário, um defeito do qual só nos corrigimos pela metade; o restante iremos encontrar na vida seguinte, e é na sua correção que nos devemos aplicar. Tomemos um exemplo: um homem foi assassino e ladrão; foi castigado na vida corporal ou na vida espiritual; arrepende-se e se corrige da primeira tendência, mas não da segunda; na existência seguinte será apenas ladrão; talvez um grande ladrão, mas não mais assassino; ainda um passo à frente e será apenas um pequeno ladrão; um pouco mais tarde e não mais roubará, mas poderá ter a veleidade de roubar, o que a sua consciência neutralizará; depois desse último esforço todo traço da doença moral terá desaparecido, ele será um modelo de probidade. Que lhe importa, então, aquilo que foi? A lembrança de ter morrido no cadafalso não seria uma tortura e uma humilhação perpétuas? Apliquei este raciocínio a todos os vícios, a todos os erros, e podereis ver como a alma progride, passando e repassando pelos crivos da encarnação. Deus não é mais justo por tornar o homem o árbitro de sua própria sorte, pelos esforços que pode fazer para se melhorar, do que por fazer sua alma nascer ao mesmo tempo que seu corpo e condená-la a tormentos perpétuos por erros passageiros, sem lhe dar os meios de se purificar de suas imperfeições? Pela pluralidade das existências, seu futuro está em suas mãos; se levar muito tempo para progredir, sofre as consequências: é a suprema justiça; mas a esperança jamais lhe é negada.

A comparação seguinte pode ajudar a compreender as peripécias da vida da alma.

Suponhamos uma longa estrada, em cujo percurso se acham, de distância em distância, mas a intervalos desiguais, florestas que devem ser atravessadas; à entrada de cada floresta a estrada larga e bela é interrompida e só retomada à saída. Um viajante segue essa rota e entra na primeira floresta; mas aí não há trilha batida; é um dédalo inextricável em cujo meio se perde; a luz do Sol desapareceu sob a espessa copa das árvores; ele erra, sem saber para onde vai; enfim, após fadigas incriveis, chega aos confins da floresta, mas, extenuado, rasgado pelos espinhos, magoado pelas pedras. Ali reencontra a estrada e a luz e prossegue seu caminho, procurando curar suas feridas.

Mais longe encontra uma segunda floresta, onde o esperam as mesmas dificuldades; mas já tem alguma experiência; sabe evitá-las em parte e delas sai com menos contusões. Numa encontra o lenhador que lhe indica a direção a seguir e que o impede de se perder. Em cada nova travessia sua habilidade aumenta, pois os obstáculos são transpostos cada vez mais facilmente; certo de encontrar a bela estrada à saída, essa confiança o anima; depois, sabe orientar-se para a encontrar mais facilmente. A estrada conduz ao topo de uma alta montanha, de onde descobre todo o percurso, desde o ponto de partida; também vê as várias florestas que atravessou e se recorda das vicissitudes que experimentou; mas a lembrança não é penosa porque chegou ao fim; é como o velho soldado que, na calma do lar, lembra-se das batalhas a que assistiu; essas florestas disseminadas pela estrada são para ele como pontos negros numa fita branca. Diz ele: *“Quando eu estava nessas florestas, sobretudo nas primeiras, como me pareciam longas para atravessar! Parecia-me que jamais chegaria ao fim; tudo se afigurava gigantesco e intransponível em volta de mim. E quando penso que, sem esse bravo lenhador que me pôs no bom caminho, eu talvez ainda lá estivesse! Agora, que considero essas mesmas florestas do ponto em que me encontro, como me parecem pequenas! Parece que as teria transposto com um passo; ainda mais, minha vista as penetra e distingo seus menores detalhes; vejo até os passos errados que dei.”*

Então lhe diz um velho: - Meu filho, estás no fim da viagem; mas um repouso indefinido logo te causaria um aborrecimento mortal e te porias a lamentar as vicissitudes que experimentaste e que davam atividade aos teus membros e ao teu espírito. Daqui vêes um grande número de viajantes na estrada que percorreste e que, como tu, correm o risco de se perderem no caminho; tens a experiência e nada mais temes; vai ao seu encontro e, por teus conselhos, trata de os guiar, para que cheguem mais depressa.

- Eu lá vou com alegria, responde o nosso homem. Mas, acrescenta ele, por que não há uma estrada direta, desde o ponto de partida até aqui? Isto evitaria que os viajantes passassem por estas florestas abomináveis.

- Meu filho, retoma o velho, olha bem e verás que há muitos que evitam certo número delas; são os que, tendo adquirido mais cedo a experiência necessária, sabem tomar um caminho mais direto e mais curto para chegar; mas tal experiência é fruto do trabalho exigido pelas primeiras travessias, de tal sorte que aqui somente chegam em razão de seu mérito. O que saberias tu mesmo, se por elas não tivesses passado? A atividade que tiveste de desenvolver, os recursos da imaginação que te foram necessários para abrir caminho, aumentaram teus conhecimentos e desenvolveram tua inteligência; sem isto, serias tão inexperiente quanto em tua partida. E depois, procurando sair do embaraço, tu mesmo contribuístes para melhorar as florestas que atravessaste; o que fizeste é pouco, é imperceptível; pensa, porém, nos milhares de viajantes que fazem outro tanto, e que, trabalhando para si mesmos, sem o suspeitar trabalham para o bem comum. Não é justo que recebam o salário de seu esforço, pelo repouso que aqui desfrutam? Que direito teriam a este repouso, se nada houvessem feito?

- Meu pai, responde o viajante, numa dessas florestas encontrei um homem que me disse: *“Na ourela há um imenso abismo que deve ser transposto de um salto; mas em mil, apenas um o consegue; todos os outros caem no fundo de uma fornalha ardente e se perdem sem remissão. Eu não vi esse abismo.”*

- Meu filho, é que ele não existe; do contrário, seria uma armadilha abominável, preparada para todos os viajantes que vêm a minha casa. Bem sei que lhes é necessário vencer dificuldades, mas também sei que mais cedo ou mais tarde eles as vencerão. Se eu tivesse criado impossibilidades para um só, sabendo que deveria sucumbir, teria sido uma crueldade, com mais forte razão se o tivesse feito para um grande número. Esse abismo é uma alegoria, cuja explicação vais ver. Olha a estrada, no intervalo das florestas; entre os viajantes, vêes alguns que andam lentamente, com ar jovial; vêes esses amigos que se perderam de vista no labirinto da floresta, como são felizes por se reencontrarem à saída; mas ao lado deles há outros que se arrastam penosamente; estão estropiados e imploram a piedade dos transeuntes, porque sofrem cruelmente das feridas que, por própria culpa, fizeram nos espinheiros.

A estrada é a imagem da vida espiritual da alma, em cujo percurso somos mais ou menos felizes; as florestas são as existências corporais, nas quais trabalhamos pelo próprio avanço, ao mesmo tempo que na obra geral; o viajante, chegando ao fim e voltando para ajudar os que estão atrasados, é a imagem dos anjos guardiões, missionários de Deus, que encontram sua felicidade na visão da Divindade, mas também na atividade que desenvolvem para fazer o bem e obedecer ao Supremo Senhor.

Mas curar-se-ão e isso para eles será uma lição que devem aproveitar na nova floresta a atravessar, da qual sairão menos combalidos. O abismo é a imagem dos males que sofrerão, e dizendo que em mil só um o transporá, aquele homem teve razão, porque o número dos imprudentes é muito grande; mas não estava certo ao dizer que, uma vez caído nele, não mais sairá. Há sempre uma saída para chegar a mim. Vai, meu filho, vai mostrar essa saída aos que estão no fundo do abismo; vai sustentar os feridos da estrada e mostrar o caminho aos que atravessam as florestas.

Fonte: *Revista Espírita, Ano XII, V. 06, junho de 1869*

Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais.



Johann Heinrich Pestalozzi

Johann Heinrich Pestalozzi (Zurique, Suíça, 12 de janeiro de 1746 - Brugg, Suíça, 17 de fevereiro de 1827) foi um renomado educador, considerado pioneiro da reforma educacional, cujas ideias inspiraram os métodos modernos da Pedagogia. É lembrado pelo Movimento Espírita por ter sido mestre do jovem Hippolyte-Léon Denizard Rivail (Allan Kardec) na famosa escola em Yverdon-les-Bains, Suíça.

Pestalozzi conheceu desde criança as dificuldades da pobreza e da orfandade social. Depois de assistir ao falecimento de seu pai ainda na infância, sacrificou-se para chegar à Faculdade de Zurique, onde descobriu a vocação para a pedagogia — especialmente influenciado pela obra *Emílio*, de Jean-Jacques Rousseau.

Criado num país protestante, Pestalozzi cresceu sob forte pressão teológica em apelo a conceitos extremos de fé e religiosidade de que ele procurou isentar-se, conservando a moral cristã pura e a ideia de uma religião natural, sem dogmatismos e separatismos em razão de crenças.

Ativismo político

Na passagem do século XVIII para o século XIX, inconformado com os abusos das influências religiosas no ensino educacional e das arbitrariedades políticas em seu país, Pestalozzi se junta a amigos revolucionários em campanha por um novo projeto político para a educação. Entre estes, seu amigo dileto era Johann Kaspar Lavater, poeta e teólogo. Lavater era um grande entusiasta do Magnetismo Animal de Mesmer, com quem se relacionava diretamente.

Durante a Revolução Francesa Pestalozzi percebeu que os aristocratas a quem se dirigia, eram indiferentes ao seu ideal. Seu discurso, cada vez mais educacional, distancia-se do ardor revolucionário e da esperança política de mudanças sociais por parte do governo. A morte de outro grande amigo (um ativista político chamado Bluntschil), em 1781, fez Pestalozzi abdicar de vez da luta política e se concentrar na área pedagógica — que era a sua paixão particular. Ele acreditava que as reformas sociais e políticas deveriam surgir pela educação, não do ensino tradicional, mas de um novo processo de desenvolvimento que resultaria na reforma moral e intelectual do povo. Movido por esse pensamento, ele não cansava de se corresponder com os nobres e com os burgueses ricos, na esperança de que estes viessem a financiar a educação em seus países. Produziu intensa correspondência, mas não obteve apoio.

Vocação pedagógica

Depois de escrever *As Horas Noturnas de um Ermitão* (*Die Abendstunde eines Einsiedlers*), uma coleção de reflexões, publicado em 1780, ele vai publicar a sua obra-prima, que o tira do anonimato: *Leonardo e Gertudres*, em 1781. O conto narra a reforma gradual feita primeiro numa casa, depois numa aldeia, frutos dos esforços de uma mulher boa e dedicada à educação. A obra foi um sucesso na Alemanha, e Pestalozzi ganha prestígio.

Durante a invasão francesa da Suíça em 1798, ele revelou seu caráter verdadeiramente heroico ao resgatar inúmeras crianças que vagavam às margens do Lago de Lucerna, sem pais, casa, comida ou abrigo. Pestalozzi reuniu muitos deles num convento abandonado, e gastou suas energias educando-os. Durante o inverno cuidava delas pessoalmente com extremada devoção. Contudo, em junho de 1799, o edifício foi requisitado pelo invasor francês para instalar ali um hospital, desfazendo aquele projeto pestalozziano.

Transformou suas experiências em um livro intitulado *Como Gertrudes ensina suas crianças* (*Wie Gertrude Ihre Kinder Lehrt*), publicado em 1801. Ali expõe a sua didática pedagógica, o Método Pestalozzi, de partir do mais fácil e simples, para o mais difícil e complexo. Continuava daí, medindo, pintando, escrevendo e contando, e assim por diante.

Em 1799 obteve permissão para manter uma escola em Burgdorf, onde permaneceu trabalhando até 1804. Em 1802 foi como deputado a Paris tentar convencer Napoleão Bonaparte a criar um sistema nacional de educação primária. Ocupado com as intensas guerras, o imperador francês alegou não ter como se ocupar com o alfabeto.

O Instituto Pestalozzi

Em 1805 ele mudou-se para Yverdon-les-Bains, cidade ao Oeste da Suíça, às margens do Lago Neuchâtel, onde fundou o seu Instituto Pestalozzi, ao qual, por vinte anos, dedicou-se ao seu trabalho continuamente. Ali era visitado por todos que se interessavam pela educação, como Talleyrand, d'Istria de Capo, e Mme. de Staël.

Além de ser considerado excelente aluno no Instituto Pestalozzi em Yverdon, Rivail também foi um entusiasta do método pestalozziano e, estabelecido em Paris, França, fundaria um instituto de ciências sob os princípios educacionais de seu mestre, que se revelaria muito em acordo com os princípios morais da Doutrina Espírita que Rivail iria codificar. Por volta de 1815 dissensões surgiram entre os professores de sua escola, e, segundo seus biógrafos, a última década de seu trabalho em Yverdon foram marcados por cansaço e tristeza, até que o Instituto viesse a encerrar suas atividades definitivamente em 1825. Aposentado, o pedagogo transferiu sua morada para Brugg, no Norte da Suíça, onde escreveu um livro de memórias e seu último livro, O Canto do Cisne, pouco antes de sua desencarnação.

O método Pestalozziano

Pelos seguintes trechos extraídos do livro *Minhas indagações sobre a marcha da natureza no desenvolvimento da espécie humana* (traduzido do original alemão *Meine Nachforschungen über den Gang der Natur in der Entwicklung des Menschengeschlechts*), escrito por Pestalozzi em 1797, podemos ter uma ideia dos princípios educacionais do célebre peda-

Sobre o Estado natural:

"O homem como espécie, como povo não se submete ao poder como ser moral, nem tampouco entra na sociedade e na cidadania para servir a Deus ou amar ao próximo. Ele entra na sociedade e no estado de cidadania para tornar sua vida mais alegre e para gozar tudo o que seu ser animal e sensorial tem que gozar e para que seus dias sobre a terra transcorram satisfeitos e tranquilos. O direito social não é assim um direito moral, mas apenas uma modificação do direito animal. (...)

O poder só pode exigir de mim que eu seja um homem social. Ele não pode exigir que eu seja um homem moral. Se eu o sou, sou-o para mim e não para ele. O poder só pode exigir de mim que eu seja um homem moral na medida em que ele mesmo o seja, isto é, se ele não for poder, não se comportar como poder. Só pode exigir de mim, se ele viver a força de sua divindade, não para ser servido, mas para servir e dar a vida para a redenção de muitos. (...)

Simple satisfação é a cota do estado natural. Esperança é a cota do estado social. Não pode ser diferente: toda a estrutura da vida social repousa em representações que basicamente não existem – ela é uma representação. Propriedade, lucro, profissão, autoridade, leis são meios artificiais para satisfazerem minha natureza animal pela escassez de liberdade animal. (...)"

Johann Heinrich Pestalozzi

Sobre o Estado moral:

"Se eu alcançar na minha condição e na profissão tudo o que eu posso alcançar, se minha felicidade está garantida pelo direito, em suma, se eu, no pleno sentido da palavra, for um cidadão e se a palavra de meu país, liberdade – liberdade –, soasse novamente na boca dos homens honestos e felizes, estaria eu então satisfeito no meu íntimo? Deveria pensar que sim, mas não é verdade (...), o direito social não me satisfaz, o estado social não me realiza, não posso permanecer tranquilo sobre o fundamento da minha formação civil, como não posso permanecer no mero prazer sensual e animal – sou, em todo o caso, através dessa formação, emudecido; na minha alma entraram desconfiança, sinuosidade e intranquilidade, que nenhum direito social pode desfazer. (...)

Se eu te declaro animal no envoltório do teu nascimento, não coloco o objetivo da tua perfeição nos limites do invólucro da tua origem. Vejo o interior do teu ser como divino, assim como o ser interior da minha natureza (...). Se o homem planta uma árvore ou uma flor, ele a enterra no solo, põe esterco na raiz e a cobre de terra. Mas o que ele faz com tudo isso ao ser íntimo da flor? O material, através do qual a semente se desenvolve, é em toda a natureza infinitamente de menor valor que a semente em si. (...)

Logo vi que as circunstâncias fazem o homem, mas vi também que o homem faz as circunstâncias, tem uma força em si mesmo que pode conduzir de várias maneiras, segundo sua vontade. (...)

Como obra da natureza, sinto-me livre no mundo para fazer o que me agrada e me sinto no direito de fazer o que me serve.

Como obra da espécie, sinto-me no mundo atado a relações e contratos, fazendo e suportando o que essas relações me prescrevem como dever.

Como obra de mim mesmo, sinto-me livre do egoísmo da minha natureza animal e das minhas relações sociais, e ao mesmo tempo no direito e no dever de fazer o que me santifica e o que santifica o meu ambiente. (...)

Como obra da natureza, sou um animal perfeito. Como obra de mim mesmo, esforço-me pela perfeição. Como obra da espécie, procuro me tranquilizar num ponto sobre o qual a perfeição de mim mesmo não é possível.

A natureza fez a sua obra inteira, assim também faz a tua.

Reconhece-te a ti mesmo e constrói a obra do teu enobrecimento sobre a consciência profunda de tua natureza animal, mas também com a consciência completa da tua força interior de viver divinamente no meio dos laços da carne.

Quem quer que tu sejas, acharás nesse caminho um meio de trazer tua natureza em harmonia contigo mesmo. Queres porém fazer tua obra apenas pela metade, quando a natureza fez a dela inteira? Queres estacionar no degrau intermediário entre tua natureza animal e tua natureza moral, sobre o qual não é possível o acabamento de ti mesmo? – Então não te espantes de que serás um costureiro, um sapateiro, um amolador ou um príncipe, mas não serás um homem.

Não te espantes então de que tua vida seja uma luta sem vitória e que nem sequer te tornes o que a natureza, sem a tua ação, fez de ti – mas muito menos serás um meio-homem civil. (...) O princípio de que o bem do homem e o direito do homem repousam inteiramente na subordinação das minhas exigências animais e sociais à minha vontade moral é outra maneira de dizer o resultado do meu livro."

Johann Heinrich Pestalozzi

O legado de Pestalozzi

Pestalozzi afirmava que o verdadeiro trabalho de sua vida estava em seus primeiros momentos como educador, com a sua observação e preparação do homem integral, junto aos órfãos. Dedicou seus esforços, tempo, recursos financeiros e sua própria família à vivência de suas ideias pedagógicas. Fundou orfanatos e educou meninos e meninas pobres e abandonados, procurando formar o caráter de cada um. Mais do que ensinar a ler, escrever e transmitir outros conteúdos considerados relevantes para a formação intelectual, Pestalozzi interessava-se pela formação integral, pela construção da personalidade individual da criança. Realizou pesquisas visando melhorar o sistema de educação e aprimorar suas teorias a partir das práticas, no desejo de desenvolver a educação pública, porque acreditava que a renovação da educação seria a verdadeira questão social. Ele pregou a democratização da educação, influenciando governantes e fazendo com que passassem a se interessar pela educação das crianças menos favorecidas.

Pestalozzi foi um dos pioneiros da pedagogia moderna, influenciando profundamente todas as correntes educacionais, e longe está de deixar de ser uma referência. Fundou escolas, cativava a todos para a causa de uma educação capaz de atingir o povo, num tempo em que o ensino era privilégio exclusivo.

Sua preocupação maior era que o educando atingisse sua autonomia moral, despertando uma consciência moral e cidadã, e não à importância quanto ao ensino da leitura e da escrita que seria o mais importante para uma educação popular para assim extinguir o analfabetismo; foi o primeiro a descobrir que para educar e ensinar as crianças era preciso antes, amá-las, compreendê-las e interessá-las.

Este foi um dos maiores benfeitores da humanidade. Durante sua existência tão modesta, não conheceu a fortuna nem a glória, mas em compensação o resultado de seu trabalho foi reconhecido e aproveitado e o seu nome respeitado, honrado e conservado na memória dos que vieram depois dele, pois continuaram e aperfeiçoaram os seus estudos. Seus princípios educacionais visavam possibilitar a formação e educação integral do homem.

No Brasil, a vida e os métodos educacionais de Johann Heinrich Pestalozzi serviu de inspiração para a criação de instituições que levam seu nome e que oferecem assistência gratuita a milhares de pessoas com deficiência, através de parcerias e doações. É o caso da ABADS - Associação Brasileira de Assistência e Desenvolvimento Social - conhecida anteriormente como Sociedade Pestalozzi e da FENASP - Federação Nacional das Associações Pestalozzi.

"A vida educa. Mas a vida que educa não é uma questão de palavras, e sim de ação. É atividade."

Johann Heinrich Pestalozzi

Fonte: luzespirita.org.br

Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais.



Para ler as edições anteriores do IDEM, acesse o link abaixo:

<https://www.geedem.org.br/edicoes-anteriores>

Desvendando o Evangelho Segundo o Espiritismo



Lançada em 15 de abril de 1864, esta terceira obra básica da codificação espírita aborda os chamados evangelhos canônicos sob a ótica do espiritismo. Não se trata de uma "bíblia espírita" ou mesmo de reinterpretação doutrinária deste livro. Sua introdução define seu objetivo: abordar exclusivamente o ensinamento moral do evangelho, pois esse código divino "é, acima de tudo, o caminho infalível da felicidade esperada".

Baseado em instruções dos espíritos superiores, Allan Kardec se empenha em extrair dos evangelhos princípios universais de ordem ético moral e demonstrar sua consonância com aqueles defendidos pelo espiritismo.

Composto de 28 capítulos, 27 dos quais dedicados às explicações das máximas de Jesus, O Evangelho Segundo o Espiritismo restabelece os ensinamentos do Mestre Nazareno em seu verdadeiro

sentido – em espírito e verdade –, e torna-se leitura obrigatória a todos que se preocupam com a formação moral, não importando sua crença religiosa.

Capítulo XXVI: Dar de Graça o Que de Graça Receber Itens 7 a 10: Mediunidade Gratuita

“Os médiuns modernos - pois os apóstolos também tinham mediunidade – receberam igualmente de Deus um dom gratuito, que é o de serem intérpretes dos Espíritos, para instruírem os homens, para lhes ensinarem o caminho do bem e levá-los à fé, e não para lhes venderem palavras que não lhes pertencem, pois que não se originam nas suas ideias, nem nas suas pesquisas, nem em qualquer outra espécie de seu trabalho pessoal.”

Com essas palavras Allan Kardec inicia seus comentários, apresentando um argumento importante para a gratuidade da mediunidade.

Quando se vende algo, recebe-se o pagamento correspondente. Ora, a mediunidade é dada para que todos recebam a luz, o auxílio. Cobrando seus serviços, os pobres, que não podem pagar, ficam excluídos desse benefício, dessa benção divina, o que contraria os desígnios do Senhor.

Esse procedimento, próprio de quem não penetrou na finalidade dessa faculdade, de quem não percebeu o objetivo divino em relação a ela, considerando-a como algo que lhe pertence, segundo os valores materiais, está bem distante dos ensinamentos de Jesus, das leis divinas por ele trazidas.

Por isso, o espiritismo exige estudo perseverante dos seus princípios, que sendo leis naturais, demonstram a necessidade de serem entendidos e vividos sob a moral divina.

“Mediunidade com Jesus” é usá-la, gratuitamente, no serviço do bem, com o esforço de desenvolver em si o amor a Deus acima de todas as coisas e ao próximo como a si mesmo, da maneira como puder, perseverando na vontade de transformar seus sentimentos, seus pensamentos e atos, propiciando condições espirituais de convivência com Espíritos mais evoluídos.

São esses que trazem ensinamentos valiosos, proteção, inspiração, e amparo no contínuo viver do Espírito imortal.

Esses Espíritos não podem continuar com quem usa sua faculdade para beneficiar-se com valores materiais. Afastam-se e deixam esses médiuns à mercê de Espíritos inferiores em moralidade, embora possam ser muito inteligentes, enganando os que se colocam sob a sua guarda.

Por isso, Allan Kardec adverte: *“Aquele, pois, que deseja comunicações sérias, deve primeiro procurá-las com seriedade, esclarecendo-se quanto à natureza das ligações do médium com os seres do mundo espiritual. Ora, a primeira condição para se conseguir a boa vontade dos bons Espíritos, é a que decorre da humildade, do devotamento e da abnegação: o mais absoluto desinteresse moral e material.”*

É preciso merecer a presença dos Espíritos elevados, oferecer-lhes as condições da boa vontade em servir de instrumento útil, na sua verdadeira finalidade: trabalhar no bem, pelo bem e para o bem de todos, sem nada exigir em troca, a não ser a satisfação de colaborar na obra divina do progresso da humanidade.

O autor também apresenta um argumento de ordem prática, na gratuidade da mediunidade, no que se refere à sua própria natureza.

Sendo uma faculdade que depende da vontade dos Espíritos que a usam, ela pode falhar, pode nada produzir, colocando seu explorador em uma situação difícil, na qual ele é tentado a fingir e mentir.

A mediunidade não é uma arte, nem uma habilidade, adquirida pelo estudo e trabalho, por isso não pode ser profissionalizada, existindo graças às atividades dos Espíritos. Se esses faltarem, ela não funciona. A aptidão permanece, mas não acontece o exercício. É como uma máquina parada.

“Explorar a mediunidade, como se vê, é querer dispor de uma coisa que realmente não possui.” “... não é de si mesmo que se dispõe, e sim dos Espíritos, das almas dos mortos, cujo concurso é posto à venda. Este pensamento repugna instintivamente.

Foi esse tráfico, degenerado em abuso, explorado pelo charlatanismo, pela ignorância, pela credulidade e pela superstição, que provocou a proibição de Moisés”.

Allan Kardec, estudando a mediunidade na prática, observando, analisando as revelações recebidas, percebeu e divulgou as leis que regem essa faculdade, compreendeu seu aspecto sério e sua finalidade sublime na transformação evolutiva dos homens e da humanidade.

Por isso, pela sua finalidade, o espiritismo desmascara essa exploração, elevando a mediunidade à categoria de missão, que depende, no seu uso, da moral do médium, a fim de que seja “praticada, santamente, religiosamente.”

Por isso também, as reuniões mediúnicas são sempre iniciadas com uma prece, sendo que seus participantes já devem preparar-se, desde antes, em casa, vigiando mais os seus sentimentos, pensamentos e ações.

A mediunidade curadora, que transmite os fluidos salutares dos Bons Espíritos, deve ser feita como Jesus e os apóstolos faziam, sem nada cobrar. Eles devem ser o exemplo a ser seguido.

Leda de Almeida Rezende Ebner

Fonte: cebatuira.org.br

Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais.



Ciência e Espiritismo

“O Espiritismo e a Ciência se complementam reciprocamente; a Ciência, sem o Espiritismo, se acha na impossibilidade de explicar certos fenômenos só pelas leis da matéria; ao Espiritismo, sem a Ciência, faltariam apoio e comprovação.

(Allan Kardec- A Gênese Cap. I - item 16)

"Mensagem" dos cristais de água: Cientificamente NÃO Comprovado.

Um pesquisador japonês, Dr. Masaru Emoto, afirma ter provado que pensamentos e sentimentos interferem na realidade física. Ele diz que a estrutura cristalina da água é afetada pela “energia de vibração” de pensamentos, atos, e até mesmo de palavras e músicas ^[1,2].

Segundo Kardec (em nota de rodapé relativa à resposta dos espíritos à questão número 33 de *O Livro dos Espíritos* ^[3]), uma ação magnética dirigida pela vontade faz com que uma determinada porção de água se torne fluidificada. Nesse processo, a água adquire propriedades diferentes das que possui em seu estado normal, chegando ao ponto de servir como medicamento no tratamento de várias enfermidades. Portanto, não está em questão a nossa certeza, como espíritas, de que a água absorve os fluidos espirituais ambientes ou direcionados a ela. Questionamos a afirmativa de que “o fenômeno de absorção de fluidos pela água foi provado cientificamente”. Isso não corresponde à verdade conforme veremos adiante. Os seus defensores baseiam-se no trabalho de pesquisa do Dr. Masaru Emoto ^[1] que tem chamado a atenção de muitos irmãos nossos, no movimento espírita, chegando a ter destaque na “homepage” de grupos espíritas de grande prestígio.

Segundo Emoto ^[1], ao emitirmos pensamentos e sentimentos para uma amostra de água; ao submetermos uma porção de água a um tipo de vibração sonora ou música; ou, ainda, se uma etiqueta com uma determinada palavra for colada num frasco contendo água, então ela absorverá um tipo de “energia” associada ao valor, moral, do pensamento, som ou palavra que foi submetida a ela. Isso seria verificado através do processo de cristalização onde as moléculas de água, ao passarem do estado líquido para o estado sólido, formam estruturas tridimensionais bem definidas, como na formação dos minúsculos flocos de neve. Assim, amostras submetidas a pensamentos, sons ou palavras harmoniosas, formam figuras cristalinas simétricas e muito bonitas (veja “homepage” da referência ^[2]). Em caso contrário, obtém-se formas amorfas, sem nenhuma regularidade, possuindo um aspecto desagradável ao olhar ^[2].

Não somos nós os únicos a questionar a cientificidade dessa pesquisa. Citamos uma referência que critica esse resultados. Se trata de uma “homepage” intitulada “*Lendas e Pseudociência*” [4]. Os seus autores afirmam que “os experimentos do Dr. Emoto não tem respaldo na ciência nem na racionalidade, mas no misticismo. Eles pertencem àquilo que se chama de pseudociência ou não-ciência.” Em outras palavras, isso quer dizer que a pesquisa do Dr. Emoto não satisfaz os caracteres de universalidade e reprodutibilidade comuns aos fenômenos científicos. Além disso, eles alertam que algumas pessoas, mal informadas, podem ser induzidas a “rotular, com palavras amáveis, água de má qualidade e passar a usá-la na cozinha, para beber ...”

[4]. Apesar do Dr. Emoto não sugerir essa aplicação, não há como garantir que isso não possa ocorrer.

Para que não fique dúvida sobre a precipitação em considerar cientificamente divulgado e comprovado os resultados do Dr. Emoto, enviamos-lhe um e-mail perguntando se foi publicado algum artigo científico, sobre o assunto, em revista científica internacional. Sua secretária respondeu ao nosso e-mail de forma muito amável e respeitosa, concordando sobre a importância de uma publicação realmente científica e afirmou que, de fato, o Dr. Emoto ainda não houvera feito uma tal publicação. Por essa razão, não podemos considerar que os resultados sobre a relação entre os cristais de água e os sentimentos e pensamentos foram comprovados cientificamente.

De modo a esclarecer o leitor leigo em ciência, uma pesquisa que envolva assunto ligado a qualquer disciplina científica só pode ser considerada como cientificamente comprovada quando a comunidade científica tiver reproduzido a experiência, obtendo os mesmos resultados, e analisado, de forma crítica, todos os métodos e argumentos utilizados. Para isso, tais resultados precisam ser publicados nos periódicos científicos para que a comunidade científica tome conhecimento deles e possa lê-los, avaliá-los e reproduzi-los, de acordo com o método científico. Além disso, antes de ser publicado em uma revista científica, um artigo passa pela análise de um parecerista que faz uma primeira análise crítica. É por essa razão que uma publicação em revista científica é considerada um verdadeiro primeiro passo para obter-se uma comprovação científica de qualquer pesquisa*.

Uma outra ordem de argumentos cabe aqui. Podemos e devemos aplicar o critério do bom-senso aos resultados das pesquisas sobre a água. Sabemos, como espíritas, que a água absorve fluidos espirituais. Mas como uma palavra, escrita em um rótulo, transferiria fluidos para a água dentro do frasco? Imaginem o seguinte exemplo: considere a palavra MORTE. Para alguns ela é algo terrível, que produz sentimentos de medo, insufla idéias de horror, etc.

Em certas culturas, porém, a palavra MORTE tem outro significado. Ela significa libertação, volta para “casa” e, de fato, com o Espiritismo, entendemos que a morte é a libertação do Espírito dos laços materiais; a morte é o retorno à Pátria Espiritual; o reencontro com os entes queridos.

Considere, também, o exemplo do nome HITLER (utilizado por Emoto [1]). Para a maioria das pessoas, esse nome lembra os atos terríveis praticados contra seres humanos. Porém, existem várias pessoas, hoje, que têm a palavra Hitler como nome ou sobrenome e, nem por isso, elas são ruins. Neste ponto, vemos que está ocorrendo uma inversão de valores: a forma está sendo tomada pelo fundo; o efeito pela causa. Isto pois, as características de uma pessoa não são determinadas pelo nome que ela recebe ao nascer e, sim, pelas virtudes e imperfeições que o seu Espírito tenha, isto é, seu estado evolutivo. Assim, é bem possível que exista uma pessoa de nome Hitler que seja bondosa, amada e querida por familiares e amigos. Portanto, o nome HITLER escrito no rótulo de uma amostra de água não terá efeito sobre a sua cristalização porque esse conjunto de letras não tem valor se uma mente não lê-las. Uma “vibração” só existirá quando uma pessoa interpretar a palavra e “vibrar” de acordo com os sentimentos dessa interpretação. Se a mãe de um jovem chamado Hitler ler o nome HITLER, não há dúvidas de que ela vai vibrar amor. Assim, a conclusão de que uma palavra estampada num rótulo tem o poder de influenciar as moléculas de água é ilógica segundo os princípios espíritas e isso pode ser usado pela crítica.

Em conclusão, a afirmativa de que os sentimentos e pensamentos (“vibrações”) afetam a estrutura cristalina da água não pode ser considerada como cientificamente comprovada a partir, apenas, dos livros do Dr. Emoto. Isso não significa que a água não possa absorver fluidos espirituais. Apenas não se pode considerar que a Ciência comprovou o fenômeno. O movimento espírita deve, portanto, receber essas notícias com bastante prevenção e prudência. Respeitamos essas pesquisas e quem as divulga mas aguardamos maiores comprovações antes de sairmos por aí anunciando os seus resultados. Quanto ao Dr. Masaru Emoto, respeitamos seus nobres objetivos, principalmente na área ecológica, em luta pela preservação da água potável no planeta. Porém, suas pesquisas precisam ser publicadas em revistas científicas para que elas possam ser discutidas e reproduzidas pelos cientistas do mundo inteiro e para que elas possam receber o respeito científico que elas merecem.

Uma ressalva deve ser feita. Existem outras pesquisas sobre os efeitos da fluidificação da água sendo realizadas tanto no Brasil quanto no exterior. Porém não temos notícias de publicações em revistas científicas internacionais e indexadas. Existem divulgações em “homepages”, como o artigo da referência [5], que, infelizmente, apesar de apresentar uma interessante metodologia, não pode ser considerado como cientificamente comprovado, pelas mesmas razões acima expostas. Porém, pretendemos fazer uma pesquisa mais ampla na literatura espírita e espiritualista em busca de mais referências.

Por outro lado, existem pesquisas puramente materiais muito interessantes sobre a água [6]. Quem quer que deseje buscar comprovações científicas para os efeitos fluídicos e espirituais sobre a água deve levar em conta os trabalhos de pesquisa como os das referências [5,6] como fonte de informação e sugestão de modelo de trabalho.

Nunca é demais repetir as palavras do espírito de Erasto (Revista Espírita [7]): **é preferível “rejeitar 10 verdades do que aceitar uma só mentira”**. Notem que é muito mais difícil corrigir uma mentira depois de aceita do que vir a aceitar uma verdade previamente negada.

Alexandre Fontes da Fonseca

Instituto de Física da Universidade de São Paulo, São Paulo, S.P.

Referências

[1] M. Emoto, *The Message from Water*, Vol. I, Ed. Hado Kyoiku Sha, (1999).

[2] <http://www.hado.net> e <http://thank-water.net>

[3] A. Kardec, *O Livro dos Espíritos*, FEB, 76a. Edição (1995).

[4] http://www.quatrocantos.com/lendas/132_mensagem_agua.htm

[5] M. M. C. Oliveira e J. B. Filho, <http://members.tripod.com/bioenergia0/agua01.htm>

[6] M. E. G. Porto, *Dissertação de Mestrado*, UNICAMP, (1998).

[7] A. Kardec, *Revista Espírita* 8, p.257, (1861).

Nota de rodapé

* – As revistas espíritas teriam muito a ganhar realizando a análise não só doutrinária mas, também, técnica dos artigos submetidos para publicação. Isso poderia ser feito através de pareceristas especialistas na subárea relacionada ao tema do artigo.

Fonte: Espirito.org.br/

Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais.



Aprofundado os Conhecimentos nas Leis Naturais

O objetivo desta coluna é ressaltar a importância do estudo e conhecimento das leis naturais ou divinas. O tema é tão vasto e valioso que sempre se poderá falar dessas leis, inesgotáveis em sua fonte de ensinamentos. Suas sublimes lições à vida do transeunte na jornada terrena são repletas de preciosas instruções, merecedoras de reflexão e esforço para vivência cotidiana.

As Leis Morais Prevalecerão

Num mundo em que tantas pessoas ainda resistem à mudança por causa de interesses pessoais e egoísticos, sem pensarem no futuro e no próximo desde que sua necessidade seja satisfeita, importante lembrar que não vivemos numa embarcação sem leis, perdida no espaço. Existe um sistema de gerenciamento perfeito que trabalha incessantemente em favor do progresso do universo, tanto nas questões materiais quanto morais.

Dentre tantas filosofias que existem, o Espiritismo é uma das poucas que tratam das leis que regem o universo, auxiliando a compreensão de fatos que deixam os seres humanos assustados, apáticos ou revoltados, e impulsionando a condutas que contribuam para a solução dos problemas que, inadvertidamente, o próprio homem causa a si, à sociedade e ao planeta.

Cada lei moral (natural ou divina) tem um foco e nos leva paulatinamente à perfeição moral, pois não há ninguém perdido para sempre. Vejamos.

LEI DE ADORAÇÃO: sentimento inato no homem na existência de Deus.

LEI DE TRABALHO: toda ocupação útil é trabalho e serve especialmente como meio de aperfeiçoar a inteligência.

LEI DA REPRODUÇÃO: a encarnação é necessária por ser educativa e amadurecer a alma.

LEI DE CONSERVAÇÃO: gera o instinto de preservação da vida, necessária ao aperfeiçoamento dos seres.

LEI DE DESTRUIÇÃO: discrimina a diferença entre destruição necessária e a abusiva.

LEI DE SOCIEDADE: o homem não possui todas as faculdades, precisa do contato com outros homens, estimulando o relacionamento e a solidariedade.

LEI DO PROGRESSO: o homem é perfectível e traz em si o germe de seu melhoramento.

A LEI DE IGUALDADE: Deus não concedeu superioridade natural a nenhum homem, todos são iguais diante dele.

LEI DE LIBERDADE: não é absoluta, em contato com o próximo há direitos a respeitar.

LEI DE JUSTIÇA, AMOR E CARIDADE: com a prática da verdadeira justiça, o homem praticará também o amor ao próximo e a caridade.

Esse curto resumo, nascido a partir da obra “O Livro dos Espíritos” de Allan Kardec, busca estimular certa curiosidade nos leitores, a qual poder ser impulsionadora da busca desse conhecimento em cada um.

Efetivamente, são essas as leis que prevalecerão, pois as leis humanas, todos o sabem, são mutáveis e carecem das virtudes que os homens despertarão em si através das experiências da vida carnal.

Vania Mugnato de Vasconcelos

Fonte: agendacrista.com.br

Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais.



Obras Básicas em Foco

Para quem deseja compreender o Espiritismo, dando a saber do que se trata e internalizar os fundamentos do mestre Jesus, é preciso a leitura constante e atenta, além do estudo continuado das obras fundamentais da Doutrina Espírita.

Nesta coluna, o IDEM publica trechos de O Livro do Médiuns, O Céu e o Inferno, A Gênese, Obras Póstumas, além de O Que é o Espiritismo dando continuidade do estudo das Obras Básicas apresentadas nas colunas "O Que Disse Kardec" e "Desvendando o Evangelho Segundo o Espiritismo".

O Livro dos Médiuns O Maravilhoso e o Sobrenatural

"Se a crença nos Espíritos e nas suas manifestações fosse uma concepção isolada, o produto de um sistema poderia com certa razão ser suspeita de ilusória. Mas quem nos diria, então, por que ela se encontra tão viva entre todos os povos antigos e modernos, nos livros santos de todas as religiões conhecidas? Isso, dizem alguns críticos, é porque o homem, em todos os tempos, teve amor ao maravilhoso. — Mas o que é o maravilhoso, segundo vós? — Aquilo que é sobrenatural? — E que entendeis por sobrenatural? — O que é contrário às leis da Natureza. — Então conheceis tão bem essas leis que podeis marcar limites ao poder de Deus? Muito bem! Provai então que a existência dos Espíritos e suas manifestações são contrárias às leis da Natureza; que elas não são e não podem ser uma dessas leis. Observai a Doutrina Espírita e vereis se no seu encadeamento elas não apresentam todas as características de uma lei admirável, que resolve tudo o que os princípios filosóficos até agora não puderam resolver." (Cap. II, item 7)

Suely Caldas Schubert nos ensina que: “[...] para os que consideram a matéria a única potência da Natureza, tudo o que não pode ser explicado pelas leis da matéria é maravilhoso, ou sobrenatural, e, para eles, maravilhoso é sinônimo de superstição”.

A falta de conhecimentos das leis que regem os fenômenos da natureza, criaram ao longo dos séculos histórias fantasiosas que povoaram o universo do popular e criaram as crendices que, hoje, com o advento das modernidades muitas delas caíram no esquecimento. Presenças imateriais, constantes, vivas e atuantes vistas por muitos, pressentidas por alguns, transformam-se, ao sabor das fantasias daqueles que não as compreendiam, em fatos maravilhosos e sobrenaturais, aumentados ao sabor da imaginação humana. Até hoje alguns desses acontecimentos, ainda vez ou outra, vêm a tona, como, por exemplo, o caso da “mula-sem-cabeça” que ainda prossegue assustando as criaturas. O estudo desse caso, entre tantos outros, a lógica nos leva a crer que tal lenda nasceu da aparição de alguns Espíritos zombeteiros que apareciam nessa forma para assustar os incautos com o que eles se divertiam.

Allan Kardec esclarece a respeito: “[...] Mas, também já temos dito que o Espírito, sob seu envoltório semimaterial, pode tomar todas as espécies de formas, para se manifestar. Pode, pois, um Espírito zombeteiro aparecer com chifre e garras, se assim lhe aprouver, para divertir-se à custa da credulidade daquele que o vê, do mesmo modo que um Espírito bom pode mostrar-se com asas e com uma figura radiosa.” (Cap. VI, Item 113-ª)

Conclui-se então, que o sobrenatural não existe e que tudo está dentro da lei da natureza e na medida que vamos nos esclarecendo, o que é sobrenatural toma forma de coisas naturais e possíveis de acontecerem.

Fonte: caminhosdoamor.org.br

Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais.

Ortodoxia e Heterodoxia Espíritas

No Espiritismo, assim como em diferentes áreas do conhecimento, encontram-se presentes os conceitos de ortodoxia e heterodoxia, ainda que possam contar com interpretações e aplicações específicas, conforme o grupo em análise.

Sinteticamente, a ortodoxia espírita refere-se à plena concordância e adesão ao ensino dos Espíritos apresentado nas obras fundamentais de Allan Kardec, bem como à argumentação e às práticas coerentes com os respectivos princípios e valores doutrinários.

A heterodoxia espírita, por sua vez, liga-se às interpretações, práticas e narrativas que se afastam significativamente dos ensinamentos expressos em Kardec. Ela é caracterizada pela adoção de pressupostos divergentes dos princípios originais, seja pela incorporação de conceitos e ideias estranhas ao corpo doutrinário ou por variações interpretativas dos mesmos princípios.

Enquanto a ortodoxia está fundamentada em um conjunto teórico estruturado e consistente, a heterodoxia propõe, comumente, uma revisão e alteração dos princípios basilares mediante a adoção de novos elementos estruturantes.

Um equívoco recorrente dos menos afeitos ao pensamento científico e à própria Doutrina Espírita, é a suposição de que a ortodoxia prende-se à imobilidade e à cristalização das ideias, como se fosse um sistema fechado e impermeável a descobertas, impedindo o avanço no conhecimento. Tal suposição decorre do desconhecimento de que o Espiritismo foi concebido para progredir junto à ciência, caminhando lado a lado, de maneira que se for provado que algo está incorreto, abandona-se o que se provou falso para se adotar o verdadeiro.

Assim, o espírita ortodoxo está, naturalmente, aberto à análise e aceitação do novo, desde que esse prove-se correto em bases sólidas e objetivas, e não sobre opiniões e propostas hipotéticas que carecem da devida validação. Igualmente como agiu Kardec, pode-se afirmar que a prudência é uma condição necessária para a fé raciocinada.

Aquele que não analisa novos fatos e nega o caráter progressivo do Espiritismo não compreendeu a própria dinâmica ortodoxa espírita.

Por outro lado, a heterodoxia, ao partir de premissas e conceitos hipotéticos ou doutrinariamente divergentes, concebe um novo corpo teórico sobre bases que ainda carecem de legitimação e validação. Imprudentemente, abraçam-se ideias antagônicas ou destoantes ao ensino dos Espíritos que passaram pelo critério da universalidade adotado por Kardec, exigindo reformulação sem provas de princípios e práticas.

O ponto de tensão entre os diferentes posicionamentos de adeptos ortodoxos e heterodoxos é a ausência de um método capaz de legitimar e validar as informações doutrinárias diante de novos fatos e ideias no complexo ambiente tecnológico de hoje. Sob a perspectiva ortodoxa, somente por meio de um método objetivo é possível validar hipóteses e novas informações. Sob a perspectiva heterodoxa, o método é secundário, pois a validação poderia ocorrer subjetivamente, inclusive servindo-se de argumentos falaciosos de autoridade que transformariam opiniões de médiuns e desencarnados famosos em revelações indiscutíveis.

“Desde que uma opinião nova venha a ser expendida, por pouco que vos pareça duvidosa, fazei-a passar pelo crivo da razão e da lógica e rejeitai desassombadamente o que a razão e o bom senso reprovarem. Melhor é repelir dez verdades do que admitir uma única falsidade, uma só teoria errônea. Efetivamente, sobre essa teoria poderíeis edificar um sistema completo, que desmoronaria ao primeiro sopro da verdade, como um monumento edificado sobre areia movediça, ao passo que, se rejeitardes hoje algumas verdades, porque não vos são demonstradas clara e logicamente, mais tarde um fato brutal ou uma demonstração irrefutável virá afirmar-vos a sua autenticidade.”^[1]

Marco Milani

(1) O livro dos médiuns, Capítulo XX, item 230.

Fonte: Revista Candeia Espírita, nº 30, mar/abr 2024, p. 8-9

Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais.

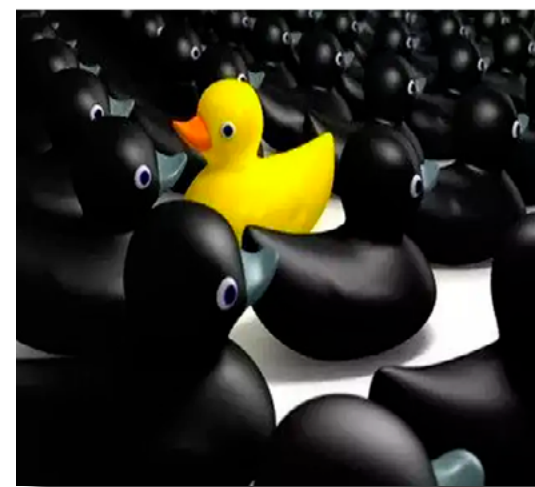
Espíritas no Mundo!

VEJA OS RESULTADOS DAS PESQUISAS DE 2023

Conheça um pouco da realidade dos espíritas fora do Brasil.

Baixe o relatório com os resultados em pdf, contendo todas as respostas.

<https://franzolim.blogspot.com/2024/03/resultados-das-pesquisas-espíritas-no.html>



O Espírita e o Conceito de Igualdade entre os Seres Humanos!

No Manifesto por um Espiritismo Kardecista Livre de janeiro de 2019, há um item que aborda a questão da ética espírita que deve orientar nossas ações individuais e coletivas. Definida como a do amor universal, inspirada em Jesus, nos chama à necessidade de marcarmos posição contra a violência de qualquer espécie, de trabalharmos pela dignidade humana, pela justiça e de combatermos o abuso e a sujeição de pessoa em relação a outras, de qualquer idade ou condição, pois, como espíritos criados e em evolução, temos o mesmo começo e o mesmo fim.



Mas se somos irmãos por criação (entende-se aqui filhos de mesmo Criador), por que há ainda costumes e sistemas suportados pela humanidade que não consideram a fraternidade e a responsabilidade de uns pelos outros como fundamental? Por que não respeitamos dignidade humana em todos os campos do sentir e do saber? Essas perguntas são essenciais no dia a dia de alguém que está interessado em ver uma transformação real desse mundo, principalmente se tal pessoa olhar esse mundo pelas lentes do Espiritismo de Kardec.

No Livro dos Espíritos (LE), onde Kardec elabora uma síntese de suas pesquisas do mundo espiritual, utilizando o método de perguntas e respostas, abordam-se tanto temas que atribulavam o íntimo das pessoas, como os grandes problemas de ordem social e da organização da sociedade.

Na leitura do LE fica claro que o espírito evolui individualmente, porém seu progresso se dá com o outro e em relação ao outro, em sociedade. Os espíritos em sua evolução, pelas reencarnações, atuam conforme seus contextos (de espaço e tempo) fazendo a sociedade também avançar tecnológica, filosófica e moralmente. Portanto o meio influencia o espírito assim como o espírito influencia o meio, e a interação entre o indivíduo e a sociedade promove a evolução.

Há diversas leituras sobre a atuação do espírita na sociedade nas obras de Kardec, principalmente por interpretações ligadas a Lei de Causa e Efeito no LE. Mas antes de qualquer ponderação sobre isso é preciso reforçar: nada em Jesus ou Kardec entende as desigualdades sociais como necessárias, já que somos iguais ao sermos criados e seremos iguais no fim da jornada evolutiva. As diferenças entre nós são criações dos espíritos encarnados e não de Deus.

O mecanismo de Ação e Reação (tanto sobre situações positivas quanto negativas) pode ser entendido de forma simplista ou de forma complexa. A interpretação mais rasa é o olho por olho, dente por dente, ou aqui se faz, aqui se paga. Em sucessivas vidas essa compreensão rasa pode levar a conclusões do tipo morreu no incêndio porque em outra vida foi um incendiário, sofreu abuso porque foi abusador, foi assassinado porque matou. Os problemas desse entendimento são o punitivismo, o fatalismo e a culpabilização da vítima, que destoam completamente da ideia de Jesus do amor que cobre a multidão de pecados e perdoa a todos. A mesma análise rasa leva à ideia de meritocracia.

Na sociedade ocidental, a ideia de meritocracia está associada à prosperidade. Se na disputa empreendedora o valor está no trabalho, nas religiões está no pertencimento a um grupo especial que está acima dos outros. Tanto na sociedade quanto nas religiões a meritocracia é uma ideia falsa porque não entende que não partimos dos mesmos contextos e condições (na sociedade) e que somos todos filhos da mesma Criação (no caso das religiões). Aqui nascem ideias superficiais como a de que se a pessoa é espírita ela tem mais evolução do que os que não são espíritas, porque tem uma compreensão ampliada da realidade. Muitas vezes juntam-se os dois espectros (positivo e negativo) num discurso que ao mesmo tempo nos coloca acima das massas e nos julga como “caídos”, mercedores de punições. Uma dicotomia (sodomasoquista) que apenas escancara as fragilidades emocionais que alimentam uma moral distorcida.

A compreensão mais complexa da Lei de Ação e Reação é que ela é um processo contínuo onde a Reação é a também uma Ação que vai levar a uma outra Reação que também é uma Ação, e assim por diante. O que chamamos de “erro” é um passo essencial na construção do que chamamos de “acerto”, e é portanto indispensável. Se sou assassinado posso perdoar. Se cometo um assassinato posso me arrepender. Perdoar e se arrepender são escolhas, são ações deliberadamente tomadas. Mas também são reações nossas diante de circunstâncias, contextos sociais, suporte afetivo, etc. Nossas escolhas (ações e reações) são também influenciadas pelo meio ao mesmo tempo que influenciam esse mesmo meio. E se o contexto (meio) importa, temos que transformá-lo ativamente (por nossa ação deliberada).

Dito isso, a evolução de cada um não pode ser vista ou entendida como um prêmio individual e que as misérias do mundo sejam justificadas na conta da Lei de Ação e Reação, que faria cada qual sofrer porque tem que sofrer. A evolução é mais intrincada do que a frágil ideia de meritocracia e do que o simplismo de que cada qual colhe segundo suas obras. Essas duas ideias, na verdade, mascaram uma infinidade de problemas. A primeira (meritocracia) coloca em perspectiva apenas um recorte da vida de alguém, não aborda toda a existência de quem julga e de quem é julgado, dessa forma, qualquer ideia de superioridade é superficial. A segunda, que na verdade é um desdobramento da primeira, de que se a pessoa sofre é por que tem que passar por isso para aprender, é uma interpretação rasa de como se processa a evolução do espírito. Aquele que usa esse argumento diz, em outras palavras, que Deus usa o mal promovido por alguém para punir o suposto mal dos outros. Essa justiça divina que assim projetamos é, na verdade, ainda a nossa ideia de justiça que tem mais de punição do que amor e misericórdia.

Em relação a Jesus sobre igualdade entre todos e sua atuação nesse tema, ele foi retratado em constante embate com o poder constituído, com as instituições e os costumes, principalmente, discriminatórios em relação aos pobres, mulheres e mesmo crianças. Não se vê Jesus nos evangelhos virando as costas para sofredores, ela agia na assistência individual e na mudança da sociedade sempre que em contato com os donos do poder. Os valores deixados por Jesus quando encarnado, indo bem além das redomas das religiões cristalizadas, foram e são motes de grandes revoluções e avanços sociais no mundo.

Concluindo, a partir dos argumentos acima, o espírita não pode se eximir de uma atuação a favor de que a sociedade acabe com sistemas de poder que promovam a exclusão, a diferenciação das pessoas, que impeçam o acesso universal a direitos universais, que negligenciem as liberdades individuais. A atuação do espírita na sociedade é política (não necessariamente partidária), de forma que os sistemas se adequem às necessidades de todos, e não que as pessoas se adequem aos sistemas para o bem de alguns.

O engajamento individual em causas ligadas à igualdade, à liberdade e à fraternidade é o caminho para melhorarmos a sociedade e promovermos a evolução individual conforme reconhecemos mais e mais a irmandade entre nós.

Alexandre Mota

Fonte: blogabpe.org

Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais.

O Espiritismo Segundo o Evangelho

A inversão de valores ganhou adeptos, cresceu e atualmente aquele que não adere é julgado fora da ordem e desnaturalizado.

Há um processo imperceptível, gradual, que altera a ordem dos fatos e inverte posições. Kardec começa sua obra pelo Livro dos Espíritos e a filosofia. Produz, na sequência, o Livro dos Médiuns, promovendo a razão que explica os fatos e dá suporte à filosofia. Por fim, entra na natureza de Jesus e no seu ensino e assenta a moral consequente da filosofia inicial. Está, assim, formalizado o Espiritismo em bases que, para usar o lugar comum, representam uma construção sobre a rocha.

O processo de degradação – e não se imagine que falo aqui de pureza doutrinária – inicia-se logo a seguir e este processo pode ser elevado ao nível da naturalidade, mesmo que ele se dê, em verdade, no nível da cognição. Assim como a natureza leva a vida a alcançar rapidamente o seu ápice e depois entrar em declínio, a construção do conhecimento, em certa medida, obedece ao mesmo processo de apogeu e declínio.

O apogeu de Kardec encontra-se no momento em que a sua obra é colocada à disposição do leitor e não quando este leitor a completa; é ali, na exposição pública e incontrolável do pensamento em forma de discurso que o autor se dá à contemplação do conteúdo e à reflexão dos seus desdobramentos. Após, não pode mais controlar esses desdobramentos que surgem com a recepção, significando aqui o começo do declínio da obra e o início de construção de um novo conteúdo, que já não será mais tão-só o pensamento e as significações propostas pelo autor, mas a soma destas com as que o leitor então elabora. Não se trata de justificar nenhum desvio ou nenhuma possibilidade de aceitação de todos os pensamentos conflitantes; quer-se dizer que não podendo manter a plenitude de seu pensamento fundador, o autor deve se consolar com as aproximações possíveis, maiores ou menores, dos significados dados pelo leitor com os que propôs no discurso. Nada mais, nada menos.

Um amigo invadiu meu IP para dizer-me que eu não gosto de Jesus, pois nunca me ouviu falar (e escrever, claro) sobre Jesus. Como receptor da obra de Kardec, está certo em seu juízo sobre mim, mas completamente errado do ponto de vista histórico, no qual se mostra ignorante. A ideia de que precisaria ouvir-me falar sobre Jesus a toda hora para entender que valorizo a figura do homem de Nazaré é, possivelmente, concernente com o significado que emprega para o espiritismo, segundo o qual a doutrina não se assentaria sobre o alicerce do conhecimento, mas sobretudo do sentimento. Neste caso, ombrearia com aqueles que aplicam os ensinamentos de Jesus, na sua originalidade evangélica, como o remédio para todos os males da humanidade, independentemente da dosagem, da prescrição e dos sintomas do ser sociocultural representado pela sociedade humana. Mas independente, também, da razão espírita. Estaria a ordem kardequiana invertida? Ou seja, a leitura dos evangelhos feita por Kardec com suas novas significações estaria agora submetida a uma ordem secundária, segundo a qual a força daqueles supera a deste, justificando, pois, a ideia de um espiritismo dependente dos antigos textos atribuídos aos evangelistas? A julgar pelo que se vê e observa, sim.

Uma esmagadora maioria de discursos nas redes sociais, nos salões dos centros espíritas, nos congressos, nos livros e na linguagem do cotidiano empregada nas relações sociais revela essa preocupação com a figura e as palavras de Jesus, numa espécie de retorno à era pré-espiritismo.



Tal é a força desse movimento que se generaliza e abre mão da razão espírita, que iniciativas como uma nova tradução dos textos dos evangelhos é materializada com o mesmo peso das obras escritas por Kardec, desprezando-se, até mesmo, traduções consideradas por este como de alta qualidade, qualidade que as novas traduções nem de perto alcançam. O evangelho pós espiritismo é o Evangelho segundo o Espiritismo; o evangelho na era pre-espírita é o evangelho segundo as interpretações das diversas correntes do pensamento.

A razão espírita, aquele bom senso empregado por Kardec na reinterpretação dos ensinamentos de Jesus se mostra indispensável ao olhar do homem ontológico do século XXI. Dispensar esse bom senso é retornar ao passado das interpretações limitadas, em que o conhecimento das leis naturais, das relações entre os humanos e os espíritos e de tantos outros princípios não haviam despontado, pois surgiram apenas com a publicação do espiritismo. Semelhante acontecimento ocorre com a obra e a figura de Chico Xavier. Alguns insistem ser ele a reencarnação de Allan Kardec, de modo a fixá-lo como uma espécie de evolução do pensamento espírita, com o que a obra original ficaria superada. Assim como não há nem prova nem bom senso nessa tentativa insana, também não há razão para imaginar que a obra de Chico Xavier, inigualável, é verdade, em termos gerais, seja o espiritismo um passo à frente. Ao contrário, essa obra é toda ela dependente da codificação feita por Kardec e somente pôde aparecer por conta da existência do espiritismo. Não fosse este, Chico ficaria solto no ar pela ausência dos princípios fundamentais que sustentam e dão sentido à obra por ele psicografada. Kardec, portanto, segue à frente de Chico Xavier e de todos quantos se inspiram no espiritismo para realizações desse porte.

Não faz nenhum sentido, portanto, imaginar a possibilidade de um espiritismo segundo o evangelho, determinado ou direcionado por esse. Os ensinamentos de Jesus só se tornaram legíveis depois que Kardec em toda a sua obra apresentou as bases para a reinterpretação dos evangelhos. Antes, os milagres e tudo o mais que ali se apresenta eram vistos como algo fora da natureza, mas com o espiritismo tudo isso tornou-se claro, uma vez que estão dentro das leis naturais e se enquadram nos princípios como mediunidade, reencarnação, imortalidade e todos os outros.

Assim, não há espiritismo segundo o evangelho, mas Evangelho segundo o espiritismo.

Wilson Garcia

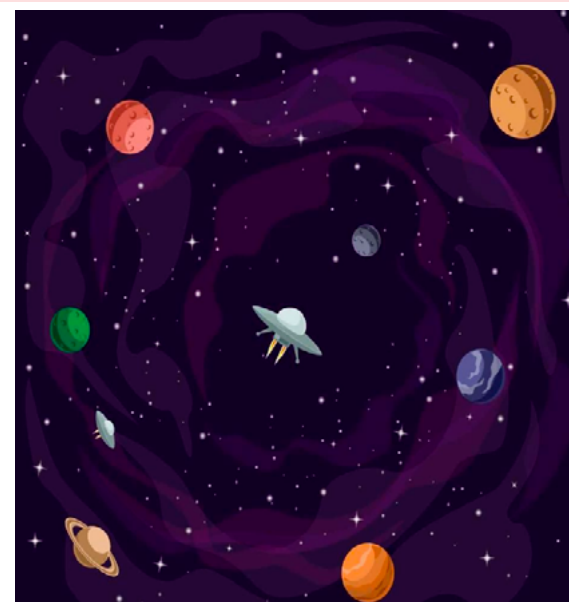
Fonte: expedienteonline.com.br

Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais.

Erraticidade

Se as Inteligências Invisíveis foram unânimes ao afirmar a Kardec não existir, no espaço, lugares de contemplação estéril ou beatitude ociosa, vale dizer que em tudo vige a Lei do Trabalho e todas as situações envolvem o compromisso e a vinculação dos Espíritos laboriosos, porque cada qual possui o seu papel, concorrendo para a grande obra, na exata medida de seu mérito e adiantamento.

León Denis, na esteira de Allan Kardec, em duas magistrais obras, “Depois da Morte” e “O grande enigma”, ensina que o ser humano pertence a dois mundos: pelo corpo físico, ao visível e pelo fluido, ao invisível. Por conseguinte, importa fazer uma ilação, no que tange às duas realidades: o sono é a separação temporária, enquanto a morte, a definitiva.



Assim, enquanto Espíritos, somos seres errantes, justamente porque seguimos sem conseguir domar plenamente nossas paixões – kardecianamente, as “más inclinações”, o que nos endereça à repetição de uma vida desordenada, quando na esfera corporal (física), quase sempre embebidos na inquietude e na incerteza. E, quando desencarnados, uma vez que “em a Natureza nada dá saltos”, somos a exata continuidade do que vivemos na encarnação – com nossos gostos, simpatias, afeições e condicionamentos. Ao desencarnarmos, então, todos passamos à condição de erraticidade (estado dos Espíritos imperfeitos), permanecendo na ambiência do plano que acabamos de deixar.

É por isso que alguns estudiosos espíritas – inclusive o Professor Herculano Pires – afirmam que, na Terra (e é importante falar daquilo que conhecemos – Mundo de Expições e Provas –, deixando de cogitar de como seja a morada em planos mais avançados – e considerando que já conhecemos a condição imediatamente inferior à qual nos encontramos – Mundo Primitivo), tem-se a convivência de duas humanidades (a encarnada e a desencarnada), em profunda simbiose, em termos de relações e influências, desembocando no conceito de que (mais ou menos) somos seres interexistentes – porque participamos, ao mesmo tempo das duas realidades, corporal e espiritual.

Erraticidade, assim, não é “lugar geográfico” – que a literatura mediúnica “sem controle”, “sem exame”, “sem aferição” cultua com nomes (mais ou menos pomposos), porque o imaginário “popular” dos espíritas – a imensa maioria egressa de religiões ou igrejas e suas construções de gozo e dor – precisa se vincular a âncoras de sustentação na imaterialidade. Umbrais, Vales ou Colônias são, assim, a exata correspondência, em “ambiente espírita” da tríade Inferno, Purgatório e Céu, dos cristãos. Erraticidade é condição (estado espiritual, mental, psíquico, sensorial) da maioria dos Espíritos que viveram na Terra, os quais, na generalidade ainda não são nem bons nem maus, porquanto sejam ainda fracos e muito inclinados às coisas materiais.

Se os poetas, inspirados, falam no “sétimo céu” e no “fogo eterno” para ilustrar os sentimentos (nitidamente humanos, enquanto características da imperfeição) que estão presentes no cotidiano de todos nós, enquanto “variações de humor” ou “estados d’alma”, pode-se dizer que, nas experiências cotidianas, de fato, experimentamos o gozo do Céu e a dor do Inferno, em repetidas cenas do dia. Alegria e Tristeza, Gratidão e Mágoa, Esperança e Desilusão, Desprendimento e Apego, Temperança e Excesso, Sanidade e Loucura, são os estados antagônicos experimentados por aqueles que estão “em marcha”, sujeitos à Lei do Progresso.

Na Erraticidade, a maior parte dos Espíritos levitam ou flutuam – já que a matéria não lhes impõe qualquer obstáculo, pairando entre o justo e o injusto, a verdade e o erro, a luz e a sombra, de modo indeciso. Se, porventura, se encontrarem – transitoriamente, porque ninguém jaz abandonado à própria sorte e pela eternidade nestas condições – na melancolia, no insulamento, na obscuridade, nos sentimentos de vingança e ódio, em realidade, é porque aguardam um instante onde possam usufruir da simpatia, do acolhimento, da benevolência e do amor que lhes sejam dirigidos, na esperança disso encontrar.

Se as Inteligências Invisíveis foram unânimes ao afirmar a Kardec não existir, no espaço, lugares de contemplação estéril ou beatitude ociosa, vale dizer que em tudo vige a Lei do Trabalho e todas as situações envolvem o compromisso e a vinculação dos Espíritos laboriosos, porque cada qual possui o seu papel, concorrendo para a grande obra, na exata medida de seu mérito e adiantamento (meritocracia espiritual). Os que estão mais avançados se envolvem em tarefas maiores e atendem àqueles que ficaram à margem do caminho. São, de fato, as ocupações dos Espíritos o móvel para que as individualidades (desencarnadas) prossigam em seu curso eterno, arrastados irresistivelmente para um estado superior, posto que entregues a ocupações diversas.

Denis insiste em florir a árvore kardeciana para dizer que há conhecimento (ciência) a adquirir, avanços a realizar, onde dores, remorsos, sacrifícios, devotamento, expiações e provas estarão associados ao elemento amor que parece ser o elo de ligação para todas as situações que o Espírito experimenta, na carne e fora dela. Tudo, pois, segue em movimento – ainda que a aparência, em alguns momentos, seja a de estar estacionado. E a constatação evidente, diante das experiências dos colóquios com os desencarnados, é que tanto as faculdades intelectuais quanto as qualidades morais permanecem e não se alteram com o fenômeno transitório da morte. Em outras palavras, a individualidade não se consagra superior ao que seja nem regride a ponto de esquecer o que vivenciou (e o que aprendeu).

Denis reforça a função do perispírito, como elemento intermediário com função específica e importante, porquanto seja o “locus” de registro (ou de ressonância) das vivências do ser espiritual. Ao despertar na nova condição, imaterial, a de desencarnado, o ser vai compulsando e resgatando todas as experiências pregressas – tanto a da vida que acabou de se exaurir, quanto as anteriores – recompondo o conjunto de conhecimentos, sentimentos, sensações, atos e percepções e, as mais das vezes, vê despertar na memória as realidades adormecidas, sobretudo das existências mais remotas.

À semelhança das Experiências de Quase-Morte (EQMs), individualidades que comparecem aos laboratórios mediúnicos – mesas de comunicação de grupos espíritas – atestam que, no instante da morte, os sucessivos quadros da vida recém-encerrada se desenrolam sucessivamente como um filme de trás para a frente, em pormenores, revivendo-se, em mais ou menos tempo, as sensações agradáveis ou desagradáveis, correlacionadas a todos os atos da vida inteira.

Resgatando importante conceito derivado da cátedra dos Espíritos Colaboradores na obra kardeciana, de que é na consciência que se encontram grafadas as Leis Universais (Espirituais), de tal maneira que é impossível escusar-se de seu cumprimento (obediência), é esta mesma consciência, em estado desperto, sem as limitações e os obstáculos do envoltório corporal – e, nele, as visões parciais e os entendimentos limitados pelos sentidos físicos – que opera um “juízo” espiritual, com o instantâneo balanço dos atos da existência. O diferencial, no entanto, não é, como à moda humana, a existência de um tribunal, uma promotoria e um julgador, já que o veredito é dado pelo próprio Espírito, em autoexame, disso derivando a “sorte” tanto no pós-morte quanto na próxima encarnação.

Considera, Denis, a morte como um segundo nascimento, daí a majestade da afirmação de Kardec – “nascer, viver, morrer, renascer ainda e progredir continuamente, tal é a lei” – e o ingressar e abandonar os mundos (físico e espiritual) se dá pela mesma razão ou segundo a mesma lei. O filósofo francês, poeticamente, que no crepúsculo da fronteira entre os dois mundos, a alma recebe as impressões do mundo em que está ingressando, ao mesmo tempo em que os fantasmas da existência finda lhe povoam a memória.

E como a condição existencial, dos Espíritos, não é a do insulamento, nas idas e vindas, nos sentimos envolvidos e acolhidos pelas almas afins, que conservam os laços de proximidade, bem-querência, sentimento e afeição. E esta condição, para uns e para outros, é favorecedora dos experimentos mediúnicos – daí termos um bom número de desencarnados, em mesas mediúnicas, explicitando acerca do pós-morte recém-ocorrido. Vale dizer, ainda, que estas mudanças de realidade, conceituadas como transformações do Espírito, ora encarnado, ora desencarnado, ocasionam estados de perturbação. Em especial, versando sobre a transição decorrente da morte (desencarnação), podemos listar três causas: **1) a mudança de meio; 2) a mudança das condições de expressão do Espírito; e, 3) da mudança dos meios de ação.**

Vale dizer, ainda, que estas mudanças de realidade, conceituadas como transformações do Espírito, ora encarnado, ora desencarnado, ocasionam estados de perturbação. Em especial, versando sobre a transição decorrente da morte (desencarnação), podemos listar três causas:

- 1) a mudança de meio;
- 2) a mudança das condições de expressão do Espírito; e,
- 3) da mudança dos meios de ação.

Ao renascer para o mundo invisível, a individualidade permanece algum tempo (variável) sem tomar conhecimento em relação ao seu estado e ao seu destino. Nestas situações, conforme os relatos mediúnicos, o Espírito ouve os murmúrios (remotos ou próximos) dos dois mundos, pode entrever os movimentos e gestos, sem definição ou precisão e não consegue quantificar nem tempo, nem espaço. Segue, pois, tateando nas estradas do Além!

É comum alguns se suporem vivos, em face da semelhança com a ambiência que acabaram de deixar, já que a condição é do Espírito e não de qualquer local (ambiente). Ao permanecerem, ainda, perturbados, não percebem a alteração por que passaram. E isto é a prova incontestável de que os dois mundos, de fato, se interpenetram e que a continuidade das relações, das situações, das experiências, dos “mortos” se dá nos ambientes físicos em que eles existiram por décadas. Ali estão seus gostos, tendências, paixões, afinidades, preferências e, é claro, os entes queridos (encarnados) que aqui remanesçam. Por que haveria de ser diferente?

Marcelo Henrique

Fonte: canteiroideias.com.br

Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais.

A Segunda Morte

Questão interessante e, portanto, digna de reflexões é aquela referente à possibilidade do Espírito seguir a sua marcha evolutiva despido do perispírito.

Segundo Allan Kardec: *qualquer que seja o grau em que se encontre, o Espírito está sempre revestido de um envoltório, ou perispírito, cuja natureza se eteriza, à medida que ele se depura e eleva na hierarquia espiritual.* (2004, p.87).

Todavia, no capítulo 6 do livro *Libertação*, de André Luiz (2004), são trazidas noções sobre o que se denominou “segunda morte” (p. 105). Conforme se infere do seu texto, há notícias de Espíritos missionários que, galgando planos mais altos, em razão de elevados títulos na vida superior, perderam o “veículo perispiritual”.

Também é explicado nessa obra que “o vaso perispírico é também transformável e perecível” (Luiz, 2004, p. 105), de modo que o pensamento impregnado de impulsos inferiores, quando colocado no centro de interesses fundamentais, faz com que os ignorantes e os maus, os transviados e os criminosos percam um dia a forma perispiritual.

Tais Espíritos, que perdem a forma perispiritual em razão da densidade dos seus pensamentos infelizes, conforme narrado por André Luiz na obra em comento, assumem os contornos de “pequenas esferas ovóides, cada uma das quais pouco maior que um crânio humano”(2004, p. 104).

A obra de André Luiz é clara em afirmar que o Espírito pode perder o seu perispírito em razão de agigantados méritos na seara do bem. Contudo, não é clara em relação à possibilidade de perda do perispírito em virtude de um nefasto monoidéismo, pois, ao tratar dessa situação, fala em perda da forma perispiritual e não na perda do perispírito, que, consoante se conclui sem maior esforço, revelam circunstâncias distintas.

De fato, a perda da forma perispiritual e a perda de perispírito encerram idéias distintas, sem qualquer ponto de contato. Na primeira situação, o perispírito existe, no entanto, sem a forma originária. Na segunda, o Espírito apresenta-se despido do seu perispírito.

Em relação à “segunda morte” dos Espíritos infelizes, tenho a seguinte hipótese: não há propriamente a perda do perispírito; há, sim, a perda da forma humana em virtude de séria lesão dos sutis tecidos que integram o psicossoma, causados por pensamentos dotados de elevada densidade degenerativa.

E, assim, cogito porque, conforme bem ressaltado por Allan Kardec, o *Espírito - cuja constituição não pode ser investigada pelas limitações da ciência terrena - (2004) é um princípio inteligente, dotado de expansão natural indefinida, cuja ausência de forma poderia ser compreendida como uma realidade não material (2005a).*



Desse modo, sem perispírito, o Espírito em estágio nas zonas de sofrimento não assumiria a forma de ovóide. Expandiria indefinidamente, assumindo aspecto de uma estrutura completamente amorfa, quiçá, abstrata, fora da realidade material até agora conhecida pelas hostes Espíritas.

Com relação à “segunda morte” dos Espíritos purificados, tenho também uma hipótese. A rigor, não haveria perda do perispírito. Haveria, sim, com o avanço do Espírito na hierarquia espiritual, uma sublimação tão profunda no psicossoma que acabaria, no final das contas, equivalendo a uma situação bem próxima da sua própria perda.

Daí em se falar em perda do perispírito para os Espíritos de escol.

As hipóteses ora levantadas, que não possuem amparo direto em qualquer outra obra que tenha lido, podem, naturalmente, residir no largo campo do equívoco.

Contudo, ousar dizer que me parecem consentâneas com a lógica do razoável porquanto, como expressamente colocado por Allan Kardec (2005b), por força de sua essência espiritual, o Espírito é um ser indefinido, abstrato. Logo, precisa do psicossoma para configurar um ser concreto, definido, apreensível pelo pensamento.

Ademais, sem definição, e, por conseguinte, sem qualquer limitação, o Espírito galgaria a infinitude, assimilando, por assim dizer, um dos atributos de Deus (2005a). E como não pode a criatura adquirir um dos atributos de Deus, sob pena de revelar uma contradição em termos, capaz, inclusive, de negar a própria existência do Criador e, por conseguinte, a realidade por Ele criada, há de se reconhecer no perispírito a sua indissociabilidade do Espírito.

Não se deseja com as palavras alhures esposadas diminuir a obra de André Luiz, até mesmo porque, sem ela, não haveria espaço para tal reflexão e outras até mais relevantes. Também não se deseja trazer a verdade definitiva sobre um tema delicado e complexo. Deseja-se, sim, prestar uma diminuta, mas sincera, contribuição à ciência espírita, que é, inegavelmente, progressista.

Referências:

Kardec, Allan. *O livro dos espíritos: princípios da doutrina espírita: espiritismo experimental*. Tradução de Guillon Ribeiro da 49. ed. francesa. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira. 2005. 604p.

O livro dos médiuns, ou, guia dos médiuns e dos evocadores: espiritismo experimental. Tradução de Guillon Ribeiro da 49. ed. francesa. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira. 2004. 580p.

A gênese: os milagres e as predições segundo o espiritismo. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira.

Luiz, André; [psicografado por] Xavier, Francisco Cândido. *Libertação*. 27 ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2004. 328 p.

Roberto Valadão Fortes

Fonte: espiritualidades.com.br

Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais.

Despertar Espiritual

“Assim resplandeça a vossa luz diante dos homens.” - Jesus.

(Mateus, capítulo 5, versículo 16)

Séculos após séculos, em diferentes culturas, fala-se no despertar espiritual. Entendido como um propósito personalíssimo de busca da felicidade verdadeira, tal estado de plena felicidade supera toda e qualquer fama,

poder, dinheiro ou o quê o plano material possa vir a oferecer. Com nomes como nirvana, iluminação, despertar, bem-aventurança e outros, estamos nos referindo

a algo que ressignifica a visão de mundo, levando pessoas a uma mudança de comportamento. Carl Jung¹ descreveu o despertar espiritual como um processo individual, causa do ascender a um estado superior de consciência, como “*retorno ao self original*”, o que significa um reencontro ou reconexão com a essência humana, ou seja, com o que realmente somos.



Os espíritos da Codificação Espírita abordam este assunto em diversos momentos. Destacamos em *O Livro dos Espíritos, parte terceira*, em *O Evangelho Segundo o Espiritismo, capítulo Sede Perfeitos*, em *A Gênese, capítulo O bem e o mal ou em O Céu e o Inferno, no capítulo VIII, na parte terceira*. Desta literatura e outras complementares², aprendemos que o despertar e o ascender espirituais são processos que têm fases que são vividas de formas diferentes, em tempos e velocidades distintas, por cada espírito. Os sinais exteriores apresentados por aqueles em ascese espiritual são múltiplos e diversos, podendo até nem serem perceptíveis em função de intensidade maior ou menor ou mesmo da sua não ocorrência, a depender da personalidade de quem vive o processo. Podendo ou não ocorrer, certos sinais, porém, têm sido usados como indicativos

Podemos citar como exemplos destes sinais o surgimento de desapego a coisas até então significativas, o surgimento de uma postura mais crítica e criteriosa sobre as crenças e valores até então vivenciados, a intuição se tornando mais acurada, os sonhos apresentando uma nova nitidez, a predileção por novas companhias de perfil diferente do perfil das antigas companhias, a busca em ser útil, o aumento da compaixão e da sensibilidade, maior conforto junto a natureza ou em locais silenciosos ou com músicas mais ricas em harmonia do que em ritmo, maior atração por assuntos edificantes, ampliação da indulgência para com as pessoas, aparecimento da sensação que mesmo cercado de pessoas, está como único responsável pela sua jornada, da mesma forma que os circundantes são responsáveis pelas suas jornadas, o aumento da percepção que muitos novos ensinamentos estão à sua disposição trazidos pela vida que o anteriormente observado e aprendido, o aparecimento de ondas de disposição física para novos tipos de atividade, a ampliação da sensibilidade atestada pelo aumento das manifestações emocionais. Até modificações nos hábitos alimentares podem ser tomadas como indicativos de despertar espiritual.

Todos estes sinais e outros tantos não listados chamam a atenção e aguçam a curiosidade e o diletantismo dos espiritualistas descompromissados. Não cabe ao espírita dedicado se maravilhar com fenômenos que desde o século XIX estão devidamente explicados na codificação efetuada por Kardec. Nela aprendemos que nossa ascense, mesmo sendo algo que nunca sabemos quando e como acontecerá, ocorrerá e exigirá de nós trabalho e perseverança para que não se deteriore por obstáculos como nosso orgulho e egoísmo. É um determinismo divino, como explica São Luiz³:

“[...] Apenas os criou a todos simples e ignorantes, tendo todos, no entanto, que progredir em tempo mais ou menos longo, conforme decorrer da vontade de cada um. Mais ou menos tardia pode ser a vontade, do mesmo modo que há crianças mais ou menos precoces, porém, cedo ou tarde, ela aparece, por efeito da irresistível necessidade que o Espírito sente de sair da inferioridade e de se tornar feliz. [...]”

Emmanuel⁴ nos esclarece que *“[...] Enquanto o homem se mantém no gelo da indiferença ou na inquietação da teimosia, não é chamado à análise pura; entretanto, tão logo desperta para a renovação, converte-se o campo íntimo em zona de batalha. Contra a aspiração bruxuleante do bem, no dia que passa, levanta-se a pesada bagagem de sombras acumuladas em nossas almas desde os séculos transcorridos. Indispensável, portanto, grande serenidade e resistência de nossa parte, a fim de que o progresso alcançado não se perca.”* Como visto, esse momento merece a nossa atenção. Mas, como tudo que Deus faz tem a marca da perfeição, o mesmo Emmanuel nos lembra que, em sendo a Glória do Cristão, o despertar da sua consciência⁵, *“[...] Num plano onde campeiam tantas glórias fáceis, a do cristão é mais profunda, mais difícil. A vitória do seguidor de Jesus é quase sempre no lado inverso dos triunfos mundanos. É o lado oculto. Raros conseguem vê-lo com olhos mortais.*

Entretanto, essa glória é tão grande que o mundo não a proporciona, nem pode subtraí-la. É o testemunho da consciência própria, transformada em tabernáculo do Cristo vivo. No instante divino dessa glorificação, deslumbra-se a alma ante as perspectivas do Infinito. É que algo de estranho aconteceu aí dentro, na cripta misteriosa do coração: o filho achou seu Pai em plena eternidade.”

Este é o convite de Jesus trazido na epígrafe pelo apóstolo Mateus: que construamos o reino de Deus em nossos corações, identificando-nos com o Pai.

Rômulo Novais

Bibliografia:

[1] Carl Gustav Jung (1875 – 1961) foi um psiquiatra e psicoterapeuta suíço, fundador da psicologia analítica. Produziu um legado influente nos campos da psiquiatria, psicologia, ciência da religião e literatura.

[2] A série A vida no mundo espiritual, ditada pelo Espírito André

Luiz ao médium Francisco Cândido Xavier, é pródiga de descrições de situações que ilustram o espertar espiritual e a conseqüente jornada ascensional de diversos espíritos, incluindo a do próprio autor espiritual.

[3] KARDEC, Allan. O Livro dos Espíritos. Tradução de Guillon Ribeiro. 89. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007, questão 1006. parte 4, cap II.

[4] XAVIER, Francisco Cândido. Pão Nosso. Pelo Espírito Emmanuel. 24. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Cap. 136 (Conflito).

[5] XAVIER, Francisco Cândido. Caminho, Verdade e Vida. Pelo Espírito Emmanuel. 10. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1998. Cap. 119 (A Glória Cristã).

Fonte: feig.org.br

Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais.



O Estudo do Evangelho no Lar é uma reunião em família, num determinado dia e horário da semana, para uma leitura e troca de ideias sobre os ensinamentos cristãos, em proveito do nosso próprio esclarecimento e do equilíbrio no lar.

Momento que nos permite elevar nossos pensamentos e sentimentos, favorecendo assim a assistência dos Mensageiros do Bem.

Roteiro para Evangelho no Lar:

<https://www.geedem.org.br/evangelho-no-lar>

Músicas para Evangelho no Lar:

https://www.youtube.com/playlist?list=PLzuBi_bNwvcF6UmbKaPwyJ9BCGFvi3C_a

Siga a Família GEEDM.
Clique nos ícones para ser direcionado.



Programação da Evangelização Infantojuvenil



Grupo de Estudos Espírita Dr. Eduardo Monteiro

Educação Espírita Infantojuvenil

Programação – Abril /2024

Sábados 14h às 15h

Tema Central: Autodesenvolvimento

Objetivo: Reconhecer-se como espírito eterno e escultor de si mesmo.

- O Poder da Fé
- Vigiar e Orar
- Eu, Escultor de Mim Mesmo
- Lei de Ação e Reação



Grupo de Estudos Espírita Dr. Eduardo Monteiro

Educação Espírita Infantojuvenil

Programação – Maio /2024

Sábados 14h às 15h

Tema Central: Manifestações Espíritas

Objetivo: Reconhecer que a vida carnal e a vida espiritual são interdependentes.

- 04- Espírito, Perispírito e Corpo Físico.
- 11- Anjo da Guarda – Espíritos Protetores
- 18- Influência dos Espíritos nos Pensamentos e Atos
- 25- Emancipação da Alma



PNE 2024 Pesquisa Nacional para Espíritas



Participe! 10.ª Edição PNE 2024

Coleta dados sobre o modo de pensar e se comportar dos espíritas. Com esses indicadores, as instituições e pesquisadores podem prever as necessidades e dificuldades dos espíritas, frequentadores e trabalhadores, além de ajustar suas estratégias e ações de comunicação e governança.

Realizada anualmente desde 2015 para colaborar com o estudo e a gestão do Movimento Espírita.

O questionário não possui respostas certas e erradas. Os dados estarão protegidos e o conteúdo da pesquisa será tabulado em grupo, sem identificação pessoal dos participantes.

Os resultados serão enviados para os respondentes e disponibilizados no blog: <http://franzolim.blogspot.com.br>

É muito importante a participação dos espíritas para gerar resultados consistentes. Agradecemos compartilhar o link da pesquisa nas redes sociais para alcançar os espíritas de todo o Brasil.

Encerramento previsto para 30 de junho 2024.

Tempo de preenchimento de até 15 minutos. Dúvidas e informações podem ser obtidas pelo e-mail: franzolim@gmail.com

Os dados informados serão utilizados apenas de forma estatística, nunca isolados, conforme a Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (LGPD), nº 13.709/2018.

A periodicidade da PNE passará a ser bienal, com a próxima edição em 2026. Agradecemos muito a sua participação e o apoio da ABRADE - Associação Brasileira de Divulgadores do Espiritismo!

PARTICIPE DE IMPORTANTE PESQUISA ESPÍRITA!

Colega espírita, sua opinião é fundamental para o progresso e a evolução do movimento espírita. A PNE 2024 é uma pesquisa para obter dados sobre os espíritas no Brasil, sua compreensão doutrinária, suas atividades e relações com os Centros Espíritas.

Ajude a tirar um retrato atual do movimento espírita e identificar pontos que podem ser reformulados ou mais bem esclarecidos para impulsionar o progresso do Espiritismo.

Por favor, reserve alguns minutos do seu tempo para responder a esta pesquisa e compartilhe com outros espíritas!

<https://forms.gle/fz2uM8B71YhjP5BS7>



Fora da Caixa

O Que Acontece Por Aí

Programas culturais



Centro Cultural São Paulo

Quem costuma se aventurar na busca por cultura na cidade, com certeza já passou pelo Centro Cultural São Paulo. Afinal, a enorme estrutura de 46,5 mil metros quadrados abriga um dos principais espaços multidisciplinares da cidade. Por lá, há arte e cultura sendo disseminadas a qualquer hora do dia e em cada canto da enorme construção.

O CCSP conta com cinco salas de espetáculos, cada uma com características específicas que melhor atendem determinados eventos. A Jardel Filho, por exemplo, recebe música, teatro e dança, enquanto a Lima Barreto exhibe mostras de cinema. Além disso, há também dois pisos expositivos, dedicados a mostras itinerantes e também de acervo próprio.

O prédio também dispõe de várias bibliotecas acessíveis ao público. A maior delas, nomeada Sérgio Milliet (em homenagem ao escritor brasileiro que dirigiu a Biblioteca Mário de Andrade), possui o acervo mais generalizado. Há ainda os espaços mais específicos, incluindo os dedicados a histórias em quadrinhos e a livros em braile.

Outras instalações educativas incluem uma horta comunitária, espaços para convivência e práticas culturais, ateliês abertos, laboratório de fotografia, estúdio de rádio e um corredor de dança.

Definitivamente, vale adicionar o CCSP à lista de lugares a visitar pelo menos algumas vezes na vida.

Sustentabilidade

À partir dessa edição, o IDEM abordará o tema "Sustentabilidade" como forma de despertar a consciência sustentável de cada um, levando à compreensão profunda dos impactos humanos no meio ambiente e à busca de soluções que garantam a coexistência harmoniosa entre a sociedade e o ecossistema que a sustenta.

A preocupação com a sustentabilidade, ou melhor dizendo, o uso consciente dos recursos naturais, novas alternativas e ações sustentáveis em relação ao planeta e as implicações para o bem-estar coletivo e as gerações futuras estão em evidência. O tempo distante, em que sofreríamos as desvantagens do uso irracional dos recursos naturais, já é algo concreto e não mais enredo de livros de ficção científica. Agora, a questão está presente em nosso cotidiano, nas escolas, organizações, empresas e nas ruas de nossas cidades.



A sustentabilidade é a esperança para enfrentar a crise climática que se agrava a cada dia.

Atualmente, a situação chegou a um ponto em que já não se fala apenas em aquecimento global, mas em ebulição global.

Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), entre 2030 e 2050, é esperado que as mudanças climáticas sejam responsáveis por 250 mil mortes de pessoas adicionais por ano.

Ou seja, em um período de 20 anos, nada menos que 5 milhões de seres humanos perecerão porque não estamos sendo capazes de garantir um mundo sustentável.

Cabe a nós decidir se queremos ser parte do problema ou da solução.

Os Tipos De Sustentabilidade

Sustentabilidade Ambiental Ou Ecológica

Compreende a preservação e manutenção do meio ambiente, cujo principal objetivo é garantir que as necessidades das gerações futuras não sejam prejudicadas pelo uso indiscriminado dos recursos naturais na atualidade.

Sustentabilidade Empresarial

Com o crescente grau de conscientização dos consumidores em relação às questões ambientais, as empresas têm incluído em seu planejamento estratégico a sustentabilidade dentro da responsabilidade social.

Nesse caso, as ações são pautadas pela preservação do meio ambiente e na busca pela melhoria na qualidade de vida das pessoas.

Sustentabilidade Social

É baseada na redução das desigualdades entre os povos, com a manutenção de uma vida digna e com garantia do atendimento às necessidades básicas do ser humano, como saúde, educação, cultura e renda.

Sustentabilidade Econômica

Fundamenta-se na gestão responsável dos recursos naturais, de modo a desenvolver métodos produtivos mais eficientes, com o consumo cada vez menor deles, mas sem comprometer o crescimento econômico.

A utilização de transportes alternativos contribui para a sustentabilidade do planeta.

Sustentabilidade Alimentar

A sustentabilidade alimentar é garantida quando os alimentos são produzidos em uma cadeia responsável, que respeite parâmetros conscientes tanto sociais quanto ambientais.

Para fazer esse tipo de análise, é preciso verificar o quanto de água e energia foi gasto no processo, se a mão de obra é local, se há um cuidado com os resíduos liberados, entre outros pontos.

Também tem a ver com a segurança alimentar, que é o acesso geral da população à alimentação.

Além disso, tem a ver com as práticas dos consumidores, como por exemplo:

- » Evitar o desperdício
- » Consumir alimentos in natura
- » Privilegiar produtores locais
- » Comer alimentos de safra/época
- » Diminuir o consumo de carne
- » Encaminhar embalagens e resíduos para reciclagem.

Ações Individuais

As pessoas, por meio da conscientização, podem mudar hábitos de consumo, contribuindo para a sustentabilidade do planeta.

Afinal, somos 8 bilhões de pessoas ao redor do mundo.

Veja exemplos do que é possível fazer:

- » Reduza o consumo de água = feche a torneira na hora de escovar os dentes e lavar a louça, também diminua a quantidade de água derramada na hora do banho;
- » Economize energia = tire da tomada os eletrodomésticos que não estão sendo utilizados no momento. Da mesma forma, apague as luzes dos cômodos vazios;
- » Plante uma árvore (ou várias) e cuide dela;
- » Prefira as lâmpadas fluorescentes = elas consomem menos energia do que as lâmpadas incandescentes;

» Feche as portas e as janelas quando estiver com um ar-condicionado ligado. Dessa maneira você evita uma maior produção de energia para resfriar o ambiente.

» Adote uma sacola sustentável para carregar as suas compras;

» Evite o desperdício de comida. Uma dica é colocar pequenas porções de comida no seu prato, caso necessário, repita a refeição;

» Reduza a quantidade de impressões = utilize computador, tablet ou celular para fazer algumas de suas leituras. E, quando você precisar realmente imprimir, utilize a frente e o verso da folha de papel;

» Utilize mais os transportes coletivos ou combine caronas com seus amigos;

» Não jogue lixo nas ruas, eles podem entupir bueiros e causar inundações;

» Adote um copo ou uma garrafa para ingerir líquidos ao longo do dia;

Viu só como é possível começar a cuidar hoje mesmo do meio ambiente? Reflita e modifique o seu comportamento. Seja um exemplo para a sua família, seus amigos e seus vizinhos. Mude seus hábitos para a conservação do meio ambiente!

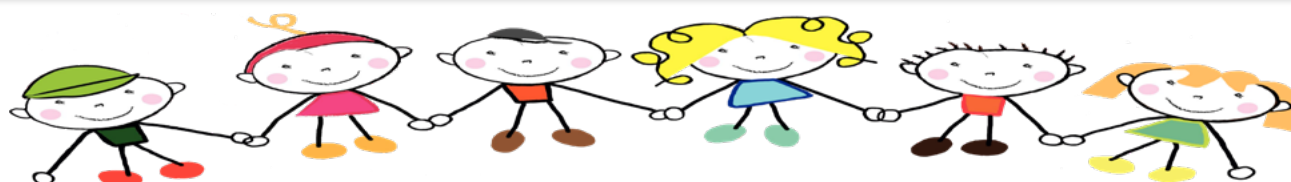
Fonte: Compilação de pesquisa.

<https://fia.com.br/blog/sustentabilidade/>

<https://ambscience.com/consciencia-ambiental/>

<https://www.ecycle.com.br/sustentabilidade/>

Para a Criançada!



Mágica ou ilusão de ótica? Museu das Ilusões está de volta com cenários e novidades que intrigam e divertem. Inédito na América Latina, o Museu das Ilusões é inspirado nos principais museus de ciências e de ilusão de ótica do mundo. Museus com temática similar são o maior sucesso na Europa e EUA.

Informações aqui: <https://museudasilusoes.com.br/>



Palavras em Verso e Prosa

Florbela Espanca (1894 - 1930)

Florbela Espanca (Conceição, Vila Viçosa, 8 de dezembro de 1894 – Matosinhos, 8 de dezembro de 1930),[1] batizada como Flor Bela Lobo, optou por se

autonomear Florbela d'Alma da Conceição Espanca, foi uma poetisa portuguesa que começou a escrever desde muito cedo. Aos oito anos escreveu o seu primeiro poema e aos 25 publicou o seu primeiro livro - "Livro de Mágoas".



Viveu uma vida conturbada e de uma forma muito intensa. Ousou escrever sobre o mais íntimo de si e, por ser uma voz feminina, os seus versos não eram bem aceites nos exigentes e conservadores círculos literários da época, dominados por homens. Os seus poemas falam de amor, de sofrimento, de saudade e de solidão.

Foi das primeiras mulheres a estudar Direito na Faculdade de Lisboa e desafiou as convenções da época, casando-se várias vezes e usando calças sempre que lhe apetecia, indumentária exclusiva do sexo masculino.

Florbela Espanca suicidou-se com o uso de barbitúricos, no dia em que iria completar 36 anos de vida e, às vésperas da publicação de sua obra prima "Charneca em Flor", que apresenta uma efusão lírica de sensualidade luminosa e ousada para a época, que só foi publicada em janeiro de 1931.

Florbela Espanca morreu em Matosinhos, Portugal, no dia 8 de dezembro de 1930. mas foi sepultada em Vila Viçosa, Portugal, cidade onde nasceu. Em 1949 foi publicado "Cartas de Florbela Espanca".

O poema Fanatismo ficou conhecido do grande público no Brasil quando musicado por Fagner em 1981.

Fanatismo

Minh'alma, de sonhar-te, anda perdida
Meus olhos andam cegos de te ver!
Não és sequer a razão do meu viver,
Pois que tu és já toda a minha vida!

Não vejo nada assim enlouquecida...
Passo no mundo, meu Amor, a ler
No misterioso livro do teu ser
A mesma história tantas vezes lida!

"Tudo no mundo é frágil, tudo passa..."
Quando me dizem isto, toda a graça
Duma boca divina fala em mim!

E, olhos postos em ti, digo de rastros:
"Ah! Podem voar mundos, morrer astros,
Que tu és como Deus: Princípio e Fim!..."

Cérebro sarado: os efeitos do exercício físico na saúde cerebral

Cérebro e exercício: diversos benefícios

"Malhar o cérebro" vai além de apenas realizar ações que enriquecem o intelecto. Fazer atividades físicas pode oferecer inúmeros benefícios para a mente. Isso vale não apenas para exercícios realizados na academia, parques e praias, mas até mesmo em jogos de realidade virtual e em aulas práticas on-line.



Segundo a Dra. Andrea Deslandes, professora do Instituto de Psiquiatria e do Programa de Pós-Graduação em Psiquiatria e Saúde Mental (PROPSAM) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e coordenadora do Laboratório de Neurociência do Exercício (LaNEx/UFRJ), essas ferramentas que demandam a execução de movimentos em conjunto com uma maior necessidade de raciocínio, ou seja, que exigem uma dupla tarefa, têm se mostrado especialmente boas para o funcionamento cerebral.

Mas outros exercícios também são benéficos para o cérebro. É o caso de atividades aeróbicas que envolvem movimentos cíclicos e repetitivos, como caminhada, corrida e andar bicicleta, e atividades ao ar livre, práticas aquáticas e até treinamento de força.

Como o exercício físico estimula o cérebro?

Cérebro e exercício estão associados. A atividade física faz os músculos se contraírem diversas vezes. Estudos indicam que essas contrações estimulam a produção de substâncias importantes para a saúde. "De alguma forma, o músculo produz substâncias chamadas de miocinas, que são citocinas, ou seja, proteínas excretadas por células. Elas vão favorecer o funcionamento do cérebro, por exemplo, criando novos circuitos (neuroplasticidade) e novos vasos sanguíneos cerebrais", explica a Dra. Andrea.

Entre as miocinas, há aquelas que estão associadas à formação de novos neurônios, que são as células que compõem o cérebro. Eles são formados principalmente no hipocampo, área cerebral que está associada a diferentes funções, entre elas, a memória e os sentimentos.

Outra miocina produzida durante a prática de exercício físico é a irisina. Estudos em animais revelam que a irisina melhora a comunicação entre os neurônios, protege o cérebro contra a perda da capacidade de armazenar informações e também parece ajudar a restaurar a memória perdida.

O exercício físico atua ainda na modulação de neurotransmissores, substâncias que atuam como mensageiros químicos produzidos por neurônios. “Neurotransmissores como dopamina, noradrenalina e serotonina, que são aumentados durante o exercício físico, regulam sono, apetite, prazer, humor, o que pode justificar como a atividade física também é capaz de aumentar a motivação e a atenção”, explicou a Dra. Andrea, que é graduada em educação física, mestre e doutora em saúde mental.

Os efeitos do exercício se estendem também às estruturas cerebrais. A Dra. Andrea explicou que, além do hipocampo, há impactos positivos no corpo estriado, importante área do circuito motor, e no córtex pré-frontal, região que está relacionada ao humor, ao afeto e também às funções executivas. “Entre as funções executivas, estão o controle inibitório, a memória operacional e a flexibilidade cognitiva, habilidades muito importantes para o convívio em sociedade. O exercício físico vai modular essa área e também vai beneficiar essas funções”, explicou a professora. Além disso, o córtex pré-frontal é uma das primeiras regiões a sofrer perda neuronal com o envelhecimento, mas o exercício consegue reduzir a velocidade desse declínio.

Benefícios em todas as idades

Segundo a Dra. Andrea, o exercício físico, principalmente de intensidade moderada, melhora o desempenho, por exemplo, das funções cognitivas, ou seja, percepção, atenção, memória, linguagem, funções executivas e aprendizagem. Melhora ainda o humor, reduz a ansiedade e possui um papel protetor com relação aos transtornos mentais e ao declínio cognitivo. “Ele também pode servir como uma terapia adicional no tratamento de transtornos mentais, sendo que atualmente os estudos mostram a maior evidência na prevenção e no tratamento dos transtornos depressivos”, destacou, lembrando que a literatura também tem apontado benefício no tratamento de demências, como Alzheimer, em casos de declínio cognitivo leve e ainda na esquizofrenia, nos transtornos de ansiedade, no transtorno do déficit de atenção com hiperatividade (TDAH) e no transtorno do espectro autista (TEA).

Os benefícios da combinação cérebro e exercício atingem desde crianças até idosos. “Essa é uma questão que precisa ser trabalhada na sociedade desde a infância, desde a escola para que as atividades sejam inclusivas, prazerosas”, destacou a Dra. Andrea.

Qual é a frequência ideal de exercícios para uma boa saúde cerebral?

O Guia de Atividade Física para a População Brasileira, do Ministério da Saúde, recomenda a prática de pelo menos 150 minutos de atividade física por semana. No caso de crianças e adolescentes, a orientação da Organização Mundial da Saúde (OMS) é de 300 minutos semanais.

Parece muito? Calma, o importante é não ficar parado e começar, independente da idade. “Estudos na área de saúde mental têm mostrado que sessões de exercício de cerca de 30 minutos três vezes por semana já são suficientes para reduzir sintomas depressivos e de ansiedade. Ainda não temos uma recomendação única, específica para saúde mental, mas, de um modo geral, a literatura vem mostrando um efeito muito benéfico desde duas vezes até cinco vezes por semana, de 30 a 60 minutos por sessão”, destacou a Dra. Andrea.

